

# O SUICÍDIO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA FILOSOFIA DE SARTRE

**Adenaide Amorim Lima**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

adenaideamorim@gmail.com

**Anderson de Amorim Lima**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

andersondeamorim.lima@gmail.com

Este resumo reflete sobre a morte voluntária na perspectiva sartreana a partir do curta *Solitário Anônimo*, dirigido por Debora Diniz (2006). Exceto em casos de doença mental e desespero, o suicídio pode ser considerado: um ato de covardia ou a expressão da mais pura liberdade? A liberdade para Sartre consiste em fazer escolhas. É possível dizer que, exercendo uma escolha, o *Solitário Anônimo*, personagem central do curta, tentava pôr em prática o seu último ato de liberdade ao querer morrer de um modo específico e ter êxito em seu projeto suicida. Porém, a sua liberdade entrou em conflito com outras liberdades e a sua escolha não resultou em uma ação concreta.

Para Sartre, um projeto em que o sujeito se propõe a fazer pode estar sob forças que são opostas a este projeto. Quando o *Solitário Anônimo* teve o seu projeto frustrado, não significa que a sua liberdade foi limitada. Sartre afirma que a liberdade de escolher é diferente da liberdade de obter. Ele afirma que as adversidades podem medir a importância dos projetos (SARTRE, 1997). Perante esse argumento, entendemos que a importância do projeto suicida do *Solitário Anônimo* era baixa, visto que seu projeto foi abortado, quando ele poderia tentar novamente. Mas cinco meses depois, em uma entrevista, o *Solitário Anônimo* parecia pensar de forma diferente.

Quanto ao suicídio ser um exercício de liberdade, como pensava Schopenhauer, é verdadeiro até certo ponto, na medida em que o sentido da existência está no porvir, o homem sempre exerce a sua liberdade escolhendo, a partir do momento em que ele decide suicidar-se, ele também está escolhendo. Porém, com esta escolha, ele está eliminando a possibilidade do porvir, ao mesmo tempo está renegando a sua liberdade. Nesse caso, esta seria a sua última escolha. Ao deparar-nos com a dura realidade e vulnerabilidade do homem frente às adversidades e, somando-se a isso, o fato de ainda ter que lidar com o peso da liberdade de ter que escolher e lidar com as consequências de suas escolhas, gera uma profunda angústia. A segurança é algo que não existe para o ser livre.

O sentimento de angústia atormenta por todo esse dever que parece mais uma herança de Atlas, de ter que exercer a sua liberdade e lidar com as consequências. Sartre entende que o suicídio é uma fuga de toda essa obrigação, ainda mais que a responsabilidade de sua ação não encerra nele mesmo, no *para-si*. Cada ação do homem é a sua concepção do dever ético. O homem escolhe, dentre todas as escolhas possíveis, sempre a melhor escolha. Quando agimos fazemos o bem, porque ao escolher exercermos o nosso dever e o cumprimento do sentido da nossa existência não pode ser mal (SARTRE, 2010). Aos olhos de Sartre, o suicídio é reprovável, nesse lugar é onde o homem cai no pessimismo, opta em não mais escolher. O suicídio pode ser compreendido como um abrir mão do cumprimento do dever, como recusa da construção essencial humana, pois se encerra nesse ato a sua essência, através da liberdade e do direito de escolher. Essa seria uma ensurdecadora forma de dizer que a vida não vale a pena ser vivida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Suicídio. Liberdade. Jean-Paul Sartre.

## Referências

DINIZ, Débora (Produção/direção). **Solitário Anônimo** [vídeo]. Brasília; 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uTZEDtx8noU>. Acesso em 10 Out. 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaios de ontologia fenomenológica. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

\*\*\*\*\*

---

## REFLEXÕES ACERCA DA MULHER A PARTIR DE SIMONE DE BEAUVOIR

**Adriely Almeida Costa**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
a.99costa@gmail.com

**Francyhélia Benedita Mendes Sousa**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
francyhelia.benedita@discente.ufma.br

**Luis Hernán Uribe Miranda**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
luis.uribe@ufma.br

A História da Filosofia é perpassada por vários momentos que somam séculos de conhecimento. Entretanto, a filosofia clássica se manteve por muito tempo como o centro das produções intelectuais, apesar de atualmente, outras filosofias (como a oriental ou latino-americana) serem reconhecidas pelas academias, ainda é necessário refletir sobre como a Filosofia Europeia restringiu o campo de estudo aos homens brancos, negligenciando o feminino e as outras etnias. Assim, vários sujeitos não pertencentes ao referido grupo (homens brancos) estiveram com seus problemas e conhecimentos à margem da academia. Inserida no contexto em que ocorreu as primeiras ondas do feminismo, Simone de Beauvoir lança um ensaio filosófico *O segundo sexo* (1949), que é uma análise sobre mulheres, a partir de uma mulher, dentro dos moldes acadêmicos e teóricos constituindo um estudo sobre mulheres que presenciaram vários cientistas-homens fazendo afirmações que não condiziam com a realidade do ser-mulher e ousando, estabelece-las como verdades.

No primeiro volume do *O segundo sexo*, a filósofa possibilitará a desconstrução do conceito de mulher biológico, histórico e científico, respondendo à academia como não há nada na natureza que tenha confirmado que o lugar da mulher é no lar, a fim de demonstrar que a submissão das

mulheres é um problema histórico e social. E, o conceito de *mulher* é uma construção social, não uma necessidade natural como o patriarcalismo quer as convencer. Assim, revela a necessidade de compreender a discussão feminista a fim de garantir o desenvolvimento de filosofias feministas nas academias. No segundo volume do Segundo Sexo, Simone de Beauvoir, analisa sobre a existência feminina e a base que funda esse *existir*, ou seja, expõe o que há de comum e substancial ao ser feminino, como internaliza as imposições do patriarcado, se coloca no mundo e suas implicações. Além disso, a autora mostra que contemporaneamente, as multífaces desse existir-mulher tem projetado uma nova forma de ser, pois, o passado as encerrou em uma condição servil, entretanto, agora, mais conscientes dessa condição, é possível lutar, superar e ocupar a posição de sujeitos no mundo. Desse modo, é necessário verificar todas as etapas da vida da mulher. Devido a isso, a autora apresentará os períodos da formação feminina (da infância até a vida adulta), depois as situações às quais elas serão “destinadas” enquanto mulher casada, mãe, prostituta, vida social e a velhice; em seguida, será exposto as condições que tornaram as mulheres narcisistas, apaixonadas ou místicas; para então, apresentar uma reflexão acerca do caminho da liberdade para as mulheres, as implicações e explicações que respondem aos questionamentos dos movimentos intelectuais contrários ao feminismo.

Neste trabalho, pretende-se refletir sobre a filosofia e os sujeitos femininos, especificamente, pela perspectiva da filósofa francesa Simone de Beauvoir, tendo como base teórica seu ensaio filosófico *O segundo sexo* (1949), como fonte para compreender o contexto do século XIX e XX, suas discussões e pensamentos acerca do tema. Pois, é necessário compreender as bases da filosofia feminista, a fim de estruturar diálogos filosóficos nas academias e dá continuidade aos referidos estudos. Portanto, ao percorrer os estudos sobre a mulher no referido ensaio filosófico de Simone de Beauvoir será possível compreender que é possível utilizar-se da estrutura filosófica - científica para apresentar a mulher enquanto um sujeito no mundo e não um objeto social ou o *outro* do homem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Situação Social. Liberdade. Reflexão Filosófica.

## **Referências**

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Trad.: Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo: a experiência vivida.** Trad.: Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

\*\*\*\*\*

---

## **O CONCEITO DE TEMPO NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR**

**Antônio Carlos Ferreira Dias Filho**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
acfdvca@gmail.com

**Gabriel Soares Santos Pereira**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
gaa.soares12@gmail.com

**Malu Marques Miranda**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
malumarques\_m@hotmail.com

Paul Ricoeur (1913-2005) foi um dos mais importantes pensadores do século XX, exercendo grandes contribuições para o pensamento filosófico. Sua hermenêutica aborda diversos temas que vão desde a concepção de experiência até a de texto, entre muitos outros. Nessa pesquisa inicial abordaremos, especificamente, a questão do tempo e a maneira com a qual Ricoeur articula este com sua hermenêutica.

Cabe, aqui, para melhor entender os fundamentos do autor, uma síntese do pensamento nessa questão, primeiro o de Aristóteles, depois o seu posterior complemento expresso em Santo Agostinho. No primeiro, o tempo é algo linear, ideia que irá ser apropriada, séculos depois, pelo movimento científico. É no segundo, no entanto, no qual há uma visão menos retilínea, que o entendimento crucial de Ricoeur sobre o tempo encontrará uma importante interlocução.

Dado esse ponto de partida, a discussão da temporalidade em Ricoeur se desenvolveu na capacidade de ver novas formas de articulação e este passou a aplicá-las nos seus temas de interesse, destacamos, a história, a interpretação e sua relação com a tradição e o símbolo. Além disso, ele questionou-se se haveria um tempo que perpassa todas as esferas da vida humana, de tudo que pelos homens é feito, que os unifica, ou se, ao contrário, vivemos imersos em diversas dinâmicas temporais, quebradas, em alguma medida desconectadas.

O pensador discutiu ainda como ligar o que é, por definição, estático, a tradição, à interpretação, que se baseia no renovo. A questão da narrativa, e isto implica em um debate intimamente relacionado com a questão do tempo, também tem um lugar fundamental na hermenêutica ricoeuriana, como é exposto em seu livro denominado *Tempo e narrativa*.

A partir desses pontos, ocorre a reflexão que se encontra no cerne do debate: Qual o tempo originário? Essa pergunta exprime uma busca que envolve todos os atos humanos, buscando uma relação entre eles. E existe, nesse sentido, um tempo de transmitir e um tempo de compreender, interpretar. No caso da tradição da narrativa como forma de conhecimento, também é a interpretação que faz esse enlace e a mantém viva, permitindo que rejuvenesça na forma de novas explicações. Com isso, pode-se perguntar como a interpretação se relaciona, estabelece seu contato com o tempo da tradição. A solução para a questão está no mediador, no símbolo. Por meio dele temos acesso aos mais diversos significados, já que faz-nos pensar. Assim sendo, a via de escape está no simbólico com sua fertilidade e suas possibilidades.

Foi ainda percebido que em Ricoeur o tempo a que nós somos submetidos é mais do que simplesmente o presente, na verdade dialogamos com o passado, retornamos ao presente, constantemente as produções humanas fazem esse percurso de retorno e avanço. Mesmo o texto, o escrito, está sempre em um diálogo que pode se dizer temporal. Estamos ainda condicionados por nossa época, na historicidade do que nos rodeia, de nós mesmos, isto é, nossa presença num determinado contexto histórico, fincados num momento, e tudo isso tem grandes consequências que nem sempre são percebidas.

Tendo isto em mente, objetivamos, então, expor algumas dessas articulações e reflexões de Paul Ricoeur sobre o tempo, esse conceito nunca completamente explicado, e que dificilmente será encerrado, em parte mistério, mas que é capaz de proporcionar pensamentos dos mais frutíferos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historicidade. Interpretação. Narrativa. Temporalidade.

## Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

FONSECA, Maria de Jesus Martins da. Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur. In. **The Millenium Journal**. No. 36 (14): maio de 2009. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8284>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1994.

\*\*\*\*\*

---

## A DISCUSSÃO DO CORPO PARA ALÉM DA DIMENSÃO ORGÂNICA EM HEIDEGGER

**Arlindo Antonio do Nascimento Neto**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/CNPq)  
201620357@uesb.edu.br

**Caroline Vasconcelos Ribeiro**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Orientadora)  
caroline.ribeiro@uesb.edu.br

Neste trabalho visamos expor o tratamento que o filósofo alemão Martin Heidegger destina ao tema do corpo e da corporeidade, partindo de sua crítica ao conceito de corpo como organismo. Abordaremos em linhas gerais as acusações de negligência ao tema do corpo em sua obra capital, *Ser e Tempo* (1927), partindo do exame de textos de alguns autores franceses que entendem que o *Dasein* – termo utilizado pelo autor para nomear o ser humano – seria desprovido de carnalidade ou teria uma relação acidental com o corpo. Almejamos contestar esta compreensão de que a filosofia heideggeriana seria alheia à corporalidade humana, bem como examinar de que maneira Heidegger, ao visar a “destruição” do conceito tradicional de homem como  $\zeta\tilde{\omega}\nu\ \lambda\acute{o}\gamma\omicron\nu\ \acute{\epsilon}\chi\omicron\nu$  e como sujeito, nos apresenta uma crítica ao conceito de corpo como organismo. Neste contexto, a abordagem do corpo e da corporalidade implica em uma revisão crítica da metafísica moderna, aquela que se inaugurou com René Descartes e com a concepção de homem como sujeito. Descartes entende o corpo como *res extensa*, como algo que ocupa lugar no espaço e é distinto da substância imaterial (*res cogitans*). No horizonte desta concepção, o corpo funciona como uma máquina, baseada na articulação entre suas peças, tal como um relógio ou um moinho. Esta análise do corpo não escapa de uma tendência da modernidade: a de objetificação da realidade. Segundo Heidegger, na modernidade acontece uma modificação da presença das coisas, de modo que qualquer ente só

passa a ser se puder ser objetificado, representado por um sujeito pensante. Esta experiência do ente, diz Heidegger, só existe a partir da filosofia de Descartes, a partir de quem se inaugura uma forma de entender as relações do homem com o mundo a partir da dicotomia sujeito-objeto. Heidegger compreende o humano como *Dasein*, escapando das categorias herdadas da tradição metafísica. Para o filósofo alemão, o *Dasein* não existe no modo da substancialidade e nem é passível de categorização, devendo ser pensando como um poder-ser, sempre aberto para suas possibilidades, cujos caracteres ontológicos são os existenciais. A abordagem do corpo e da corporalidade, no pensamento de Heidegger, exige uma diferenciação entre os conceitos de *Körper* (corpo material) e *Leib* (corpo vivido) e implica em uma abordagem da dimensão corpórea que vá para além das fronteiras orgânicas, para além de sua natureza anatomofisiológica. Heidegger aponta que o “corporar” do corpo (*Leiben des Leibes*) é um modo de ser do *Dasein*, ele sempre o “co-pertence”, determinando seu modo de ser em um mundo. Deste modo, ao pensarmos a corporalidade humana, não devemos entendê-la exclusivamente à luz de sua materialidade, mas na maneira como ela é vivenciada no existir. Objetivamos, com esta comunicação, indicar o quanto a discussão heideggeriana de corpo está atrelada à maneira como o filósofo entende o ser-humano e à sua crítica à redução do corpo humano aos seus aspectos meramente orgânicos. Esse resumo é resultado parcial de meu projeto de Iniciação Científica na UESB, orientado pela professora Dr<sup>a</sup>. Caroline Vasconcelos Ribeiro e cujo fomento é do CNPq.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Corporeidade. *Dasein*. Heidegger.

## Referências

CIOCAN, C.. La vie et la corporalité dans *Être et Temps* de Martin Heidegger. **Studia Phenomenologica**, I (1-2), 2001, p. 61-93.

HAAR, Michael. **Heidegger e a essência do homem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche II**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.

\_\_\_\_\_. **Que é a metafísica**. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os pensadores).

\_\_\_\_\_. **Seminários de Zollikon**: protocolos, diálogos, cartas. Trad. Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: Escuta, 2017.

\_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá. Petrópolis: Vozes, 2014.

WAELEHENS, A. La phénoménologie du corps. **Revue Philosophique de Louvain**, 48(19), 1950, p. 371-397.

\*\*\*\*\*

---

# ***THE SCREAM NO THE GREAT GIG IN THE SKY: UM ESTUDO ENTRE GÊNERO, ESTILO E ENTONAÇÃO A PARTIR DO CÍRCULO DE BAKHTIN***

**Brenda Luara dos Santos de Souza**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
brendaluara.academico@gmail.com

**Antônio Moraes Ferreira**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
amoraes2000f@gmail.com

O presente texto tem como objetivo evidenciar os elementos composicionais do curta-metragem “The Scream” frente à sociologia poética do Círculo de Bakhtin, Volochinov e Medvedev. Para tanto, teceremos uma análise dialógica frente aos conceitos de estilo e entonação produzidos na relação criador-protagonista-ouvinte dispostos no ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia”. No contexto da Filosofia da Linguagem do Círculo a conceituação de gênero discursivo parte-se dos três domínios da narrativa humana: a ciência, a arte e a vida. Onde a singularidade do discurso da vida se concretiza enquanto um gênero primário por sua “simplicidade”, já o discurso da arte e da ciência, recebem a alcunha de gêneros secundários por “complexificar” o discurso da vida incorporado em suas representações. Destarte, os gêneros representam a forma composicional - relativamente estável - do enunciado acabado, e o tema (aquilo ou a quem se refere - herói) o seu conteúdo, definindo-se na expressividade (o dito verbalmente); entonação (o não dito - subentendido, extraverbal) e no estilo (construído na relação entre o criador e o protagonista). O curta-metragem “The Scream”, do cineasta Sebastian Cosor, baseia-se no quadro homônimo do expressionista Edvard Munch. Enquanto dois homens seguem em direção oposta ao contemplador, no plano principal centraliza-se o protagonista; figura andrógina que chama atenção por sua intensidade expressiva, desde a forma como olhos e boca se dispõem, como as mãos que pressionam as laterais do rosto em um corpo curvo. Os traços pincelam uma indissolubilidade entre o protagonista e o tema; que se expande junto a um pôr-do-sol vermelho-sangue que o próprio Munch designou “grito infinito da Natureza” em um “um grande show no céu”. Ao adicionar um segundo gênero, a música “The Great Gig In The Sky”, de Pink Floyd, Cosor compõe um novo enredo discursivo - um terceiro gênero - frente à obra do Munch na medida em que a letra dialoga sobre medo e morte, expressa pelos interlocutores que ali se apresentam lado a lado. Segundo o Círculo, é somente na relação entonacional com o terceiro participante (o ouvinte) que pode-se determinar bilateralmente (junto ao criador e ao protagonista) a forma artística, ou seja, a estilística. Sendo assim, a metáfora entonacional do curta “integra” as duas obras antecedentes; retratando a cumplicidade do criador, como contemplador do Munch e da banda, aliando-se ao ouvinte de sua criação. Essa dialogia é explicitada no curta de modo que a releitura da obra de Munch só se evidencia quando o protagonista, enquanto centro organizador da poética, invade a cena e inverte o enquadramento, devolvendo o protagonismo à pintura. Daí, a metáfora entonacional converge em similitude à metáfora gestual (a dança) em que ambas dependem do “apoio coral das pessoas”, pois “apenas no ambiente da cumplicidade social é possível um gesto livre” reverberando as vozes em alternância do curta na centralidade do protagonista que dança com sua agonia. Evidencia-se assim

os elementos inter-relacionais dos gêneros mencionados, na relação do cineasta frente ao protagonista e sua posição junto aos discursos que evoca. Compete-nos ainda evidenciar o estilo, que compõe e define o gênero discursivo na relação entonacional-gestual do ouvinte com o criador e o protagonista. Ao ouvinte direciona-se a criação literária, sendo este o terceiro participante imanente à arte e que não coincide com o público externo à obra. É a sua relação valorativa com o poeta e/ou protagonista que determina a estilística da obra, representando um tipo de discurso interno do artista. Doravante, já destacamos a relação hierárquica do Cosor na medida em que se confunde como contemplador do protagonista que o inspira; o impacto da aparição do herói revela uma distância valorativa entre ambos ao explicitar os traços do Munch, dando-nos suporte em afirmar a lírica como estilo da narrativa devido a “a certeza inabalável da simpatia daqueles que ouvem”. Assim, há uma miscelânea de três gêneros discursivos, onde a pintura, a música e a dança arquitetam uma nova temática em meio à dialogia entre o criador-contemplador, protagonista e ouvinte. Ainda que o contemplador do curta, enquanto o público externo, não conheça as duas obras que o antecedem, é possível compreender a relação entonacional entre a angústia existencial do protagonista - tal qual o protagonista do Munch - frente a avaliação situacional sobre morte e medo dos demais personagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética. Filosofia da Linguagem. Gêneros do Discurso. Poética Sociológica. Psicologia da Arte.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAIT, Beth. Estilo. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 79-102.

COSOR, Sebastian. **The Scream**. Romênia. Trilha Sonora: “The Great Gig in the Sky”, Pink Floyd. 2012. (3min.) Disponível em <<https://vimeo.com/33976373>> Acesso em: 26 de nov 2021.

LARANJEIRA, Sabrina. Obra “O Grito” vira curta-metragem ao som de Pink Floyd. **Antena 1**, 2015. Disponível em: <<https://www.antenal.com.br/noticias/obra-o-grito-vira-curta-metragem-ao-som-de-pink-floyd>> Acesso em: 26 de nov 2021.

MUNCH, Edvard. **The Scream**. 1893. Disponível em <<https://www.edvardmunch.org/the-scream.jsp>> Acesso em: 26 de nov 2021.

NASSIF, Silvia Cordeiro; SCHROEDER, Jorge Luiz. Apreciação musical para não-musicistas – Uma proposta a partir das ideias do Círculo de Bakhtin. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.7, n.1, 2019, p.1-28 Disponível em <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2682>> Acesso em 04 de dez. 2021.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. 2ª Edição. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.



\*\*\*\*\*

---

## EDUCAÇÃO COMO RECONCILIAÇÃO COM O MUNDO EM HANNAH ARENDT

**Cláudia Raissa Silva Rodrigues**

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

claudia.raissa14@hotmail.com

Buscaremos dialogar sobre a crise da educação e a narrativa como problema educacional vigente na contemporaneidade, tendo como base a filósofa alemã Hannah Arendt, a qual esboça tal discussão no seu livro *Entre o passado e o futuro*, precisamente no seu ensaio *A crise da educação*. O problema educacional é uma atividade que não tem fim, pois sempre estamos buscando soluções para tal crise na educação, procurando discutir as metodologias de ensino, currículo e para além disto, abordar o problema da educação na contemporaneidade na ausência do pensar e julgar. Diante disto, se faz necessário o pensamento de Arendt, pois mesmo não sendo uma especialista em educação, a autora nos propõe refletir a educação e seu processo educacional como uma esperança para uma reconciliação com o mundo, uma educação “humanística”. Ora, a forma como o currículo está presente nas escolas pautado para melhorias de ensino sempre recai sobre novas metodologias e Arendt pensa a educação além de metodologias. É certo que, quando chegamos a concepção de currículo escolar, os objetivos e princípios relacionam-se de forma estreita com os documentos curriculares nacionais. Para tanto, não nos cabe aqui um levantamento de dados sobre os aspectos curriculares de ensino, mas sim, compreender que o ensino não se enquadra apenas numa base curricular, pois o problema educacional vai além de “saber por que Joãozinho não sabe ler”, a educação não tem apenas a função de educar sistematicamente a partir de conceitos e seguir um currículo, mas inserir a criança ao novo, por meio do entendimento, reflexão e compreensão. No entanto, quando falamos de crise educacional, precisamos estar atentos que a própria crise provoca a falta de reflexão, isto cabe ressaltar o ocaso político referente a educação na contemporaneidade, precisamente falando da educação no campo filosófico no Brasil. O descaso pela educação no país nos leva a refletir que a crise é um processo em construção contínua, é uma crise que está o tempo todo em execução, pelo qual possui um plano devastador de aniquilar todas as faculdades do pensar, do julgar, posto que não temos uma preocupação com a educação como processo de aprendizado respeitando a capacidade da ação, de iniciar algo novo. Esta reconciliação e responsabilidade com o mundo e preservação para os recém-chegados, se dá no campo dos adultos e educadores, como responsáveis, mas não únicos, em assumir a autoridade pelo mundo, com a oportunidade de renovação e mudança, um cuidado pelo mundo. Pensar em cuidado para o mundo em Arendt, é pensar sobre o que fazemos e de produzir histórias e narrativas que possam preservar o mundo. A educação tornara-se um instrumento político. Entretanto, tal responsabilidade dos adultos e dos educadores é negligenciada pela forma contundente de reafirmar uma educação sistemática que prioriza aprovações, conteúdos em massa, notas e informações acima do conhecimento, inviabilizando uma educação saudável, impossibilitando o exercício de tal autoridade-responsabilidade do educador com as crianças, ocasionando o problema que enfrentamos atualmente, uma educação sem acolhimento do recém-chegados. Portanto, conclui-se que para relacionar-se com o mundo, a criança precisa ser inserida gradualmente. Porém, tal função de formação, torna-se responsabilidade dos adultos e dos educadores, em introduzirem as crianças

ao mundo com responsabilidade, pela vida, pelo mundo e desenvolvimento da criança. Há na responsabilidade dos adultos e educadores, uma preocupação de preservação do mundo das crianças, o mundo comum. O cuidado é necessário com a criança que está sendo lançado ao estranho e formando-se como ser humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Currículo. Reconciliação.

## **Referências**

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro** Hannah Arendt; [tradução Mauro W. Barbosa]. São Paulo Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

LEITE, Sandra Regina. **Educação em Hannah Arendt: implicações para o currículo**. Curitiba: CRV, 2015.

SAVIANI, Demerval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento: revista de educação**. Ano 3, número 4, p. 54 – 84, 2016.

\*\*\*\*\*

---

## **O COMPROMISSO SOCIAL DA ESCUTA PSICOLÓGICA NO ATENDIMENTO BILÍNGUE: REFLEXÕES A PARTIR DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

**Fábio Silva de Sousa**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
fabiosilvasousa140@gmail.com

**Gabriel Max da Silva Oliveira**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
gabrielmaxso05@gmail.com

**Brenda Luara dos Santos de Souza**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
brendaluara.academico@gmail.com

O presente texto tem como objetivo debater as demandas do compromisso social da psicologia frente às lacunas da escuta psicológica de pessoas surdas. Segundo Bock, o compromisso social da psicologia envolve uma compreensão acerca do sujeito enquanto o agente transformador da sua realidade alicerçado em sua constante transformação do mundo, ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo. De modo similar, para o Círculo de Bakhtin a palavra integra à consciência na dimensão social, onde o sujeito, ao enunciar suas atividades e relações, evidencia-se

como produto em que se forja [e que forja] a partir de suas ações e as do seu meio semiótico-ideológico. Neste contexto, esse materialismo histórico “dialógico”, possibilita-nos pensar o saber psicológico em diálogo com amplitude da comunicação linguística em fluxo, de modo a provocar uma revisão do fazer psicológico profissional numa perspectiva crítica. Assim, esse trabalho tem a intenção de contribuir como ferramenta de aprimoramento sobre a influência que os aspectos psicológicos e linguísticos exercem na emancipação humana com foco nas demandas comunicativas do surdo com o fim de entender as suas particularidades e experiências individuais. A busca e conclusão do mundo psicológico do surdo sob a ótica da sua cultura, discorremos sobre a relevância do aprofundamento na sua linguagem comunicativa à relação que ela pode desempenhar na conexão entre o sujeito e o mundo através de uma construção coletiva. Outrossim, buscamos refletir sobre como uma escuta psicológica consciente da realidade material contribui para o desenvolvimento profissional à medida que destaca e possibilita a acessibilidade dos serviços psicológicos. Doravante, a reflexão da escuta psicológica ancorada ao campo da Filosofia da Linguagem, revela-se como uma ferramenta essencial para o elo psicoterapêutico com a pessoa surda, pois apenas por intermédio do atendimento bilíngue é viabilizado uma real compreensão do cliente em sua singularidade experiencial bem como suas relações coletivas, possibilitando genuinamente o autoconhecimento das suas vivências. De outro modo, quando o terapeuta não se torna familiarizado com LIBRAS, há demanda da presença de um intérprete durante o aconselhamento psicológico. Ora, a presença de outro profissional põe em descrédito o sigilo terapêutico que, por certo, deveria permanecer apenas entre o orientador, representado na figura do psicólogo, e o orientando, que se constitui o sujeito atendido. Da mesma forma, ocasiona dificuldades de abertura por parte da pessoa surda já que pode não se sentir totalmente à vontade para falar de suas demandas, o desenvolvimento da sessão pode ser prejudicado dificultando o estabelecimento de uma boa relação entre o profissional e o cliente no decorrer dos encontros. Observando a concepção do Círculo sobre a consciência e o uso da palavra, apreendemos que a eficácia do fazer psicológico vincula-se intimamente na compreensão da experiência do sujeito por intermédio da sua fala, onde está possibilita, concomitantemente, a compreensão de sua própria realidade sociocultural. Ao que propomos discutir - a clínica psicológica em atendimento à pessoa surda - contestamos formação em psicologia no tocante a linguagem e acessibilidade linguística do serviço. Acreditamos na importância da clínica psicológica como espaço para o surdo tratar seus significados de mundo sobre os signos e, que isso seja feito sem intermédio de outrem, mas que haja uma capacitação profissional para tornar o serviço acessível, e para além disso, tornar o sujeito surdo acessível a si mesmo. É valoroso conhecer o mundo psicológico do surdo a fim de atender profissionalmente as pessoas pertencentes à essa cultura e, analisar os desafios enfrentados pelos psicólogos frente a essa demanda que surge no campo da Psicologia. Desse modo, durante a escuta psicológica é importante o terapeuta notar a influência que os aspectos psicológicos, sociais e linguísticos exercem na vida do sujeito já que perante os encontros há a oportunidade de analisar não apenas o individual, mas também os aspectos socioculturais da comunidade surda, abrindo espaço para o protagonismo tanto da psicologia social como para a natureza dos fenômenos linguísticos presentes na filosofia da linguagem, contribuindo assim na solução de problemas emocionais e na mediação das relações interpessoais da pessoa surda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atendimento Bilingue. Círculo de Bakhtin. Psicologia e Compromisso Social. Escuta Psicológica. Filosofia da Linguagem.

## **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

\*\*\*\*\*

---

## “VIDAS INDIGNAS DE SEREM VIVIDAS”: ESPECTRO POLICIAL E ESTADO DE EXCEÇÃO NA CHACINA DO JACAREZINHO

**Isabella Coimbra Pires de Mello**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

isabellacpmello@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações entre o estado de exceção, conforme formulado por Carl Schmitt e complementado criticamente por Giorgio Agamben, e o espectro policial, denunciado por Walter Benjamin e explorado por Jacques Derrida. Para tanto, utiliza-se (i) de uma pesquisa bibliográfica centrada na filosofia do direito e (ii) de um estudo de caso acerca da operação policial ocorrida no dia 6 de maio de 2021 na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro.

Conforme aponta Agamben (2004, p. 13), o estado de exceção deixou de ser uma medida provisória para transformar-se em uma técnica governamental. Entretanto, esta técnica é analisada nos dias atuais principalmente em termos jurídicos, especialmente com referência ao Poder Judiciário. Diante da Operação *Exceptis* ocorrida no Jacarezinho, uma das mais letais da história do Rio de Janeiro (RESENDE, 2021), faz-se necessário questionar a atuação policial e seu desenvolvimento como prática de exceção, justificando a necessidade da presente pesquisa.

É o ensaio benjaminiano “Para uma crítica da violência” que oferece as melhores reflexões acerca do problema aqui levantado. Benjamin aponta a polícia como a instituição que reúne em si as duas espécies de violência do direito, a violência que o põe e a violência que o mantém, de modo a formar uma “mistural espectral” em que ambas as violências se confundem. Assim, a polícia é responsável tanto por conservar o direito como por fundar um novo sempre que considera não haver uma situação jurídica clara o suficiente (BENJAMIN, 2011, p. 135-136).

Foi precisamente este o caso da Operação *Exceptis*, que recebeu tal nome diante da suspensão do Supremo Tribunal Federal (STF) da realização de operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro durante a pandemia da COVID-19, a não ser que se tratasse de uma situação excepcional (BRASIL, 2020a, p. 3). Assim, para justificar a excepcionalidade da operação, argumentou-se que as favelas do Rio de Janeiro enfrentam uma situação contínua de guerra frente aos considerados inimigos, de modo que a Polícia Civil não apenas descumpriu a suspensão das operações decidida pelo STF como admitiu que o Brasil vive, hoje, em um estado de exceção permanente (BRASIL, 2020b, p. 53-55).

A partir desse cenário, o resultado obtido pela presente pesquisa foi a descoberta do ponto de interseção entre o estado de exceção e o espectro policial: a mera vida, o *homo sacer*, a vida considerada indigna de ser vivida e exposta à decisão soberana sobre a exceção (AGAMBEN, 2007, p. 128). Em outras palavras, se em Schmitt a decisão sobre o inimigo é o pressuposto para a instauração do estado de exceção (SERRANO, 2016, p. 87) e, diante de uma soberania ilimitada, tal inimigo é reduzido a uma vida que pode ser matada sem que se cometa homicídio (AGAMBEN, 2007, p. 91), o espectro policial de que fala Benjamin representa precisamente a contínua decisão soberana acerca de quem deve ou não ser eliminado em nome da proteção da segurança e ordem públicas. A Chacina do Jacarezinho demonstra que tal decisão tem como alvo preferencial pessoas

negras e em condição de pobreza que, a partir do momento em que vivem em uma favela, já são presumidas como “inimigas”, como “criminosas”. Foi precisamente a introdução da concepção de racismo de Estado, afinal, que permitiu que a biopolítica pudesse exercer um poder de morte sobre pessoas cujas vidas são vistas como despidas de valor e passíveis de eliminação (FOUCAULT, 2005, p. 304).

A exceção, portanto, não é exclusiva do Poder Judiciário, e manifesta-se nas instituições policiais a partir da figura espectral denunciada por Benjamin. Ao confundir a violência que instaura e a violência que conserva o direito, o espectro policial representa uma espécie de performativo ditatorial que confere à autoridade o papel de transcender a lei posta (DERRIDA, 2010, p. 106). Disto decorre que entender a exceção em termos da expansão dessa figura espectral é entender também a performatividade do direito que, ao ter em sua origem uma ausência de fundamento, busca constantemente reafirmar-se a partir da violência da autoridade, que no Brasil tem vítimas determinadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biopolítica. Chacina do Jacarezinho. Espectro policial. Estado de exceção. Mera vida.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BENJAMIN, Walter. Para uma Crítica da violência. In: **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Duas Cidades / Editora 34, 2011, p. 121-156.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Referendo em Tutela Provisória Incidental na Medida Cautelar na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 635. Requerente: Partido Socialista Brasileiro (PSB). Interessado: Estado do Rio de Janeiro. Relator: Ministro Edson Fachin. Brasília, DF, 05 de agosto de 2020. **Referendo em Tutela Provisória Incidental na Medida Cautelar na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635 Rio de Janeiro**. Brasília, 09 nov. 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/3BRoH7V>. Acesso em: 06 nov. 2021.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Considerações da Subsecretaria de Planejamento e Integração Operacional (SSPIO) na Arguição de Preceito Fundamental nº 635**. E-doc nº 207. Relator: Min. Edson Fachin. Rio de Janeiro, RJ, 06 jul 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/2ZVwlkm>. Acesso em: 01 nov. 2021.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RESENDE, Leandro. Operação no Jacarezinho tem recorde de mortes em ação oficial da Polícia Civil. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro, 06 maio 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/operacao-no-jacarezinho-tem-recorde-de-mortes-em-acao-oficial-da-policia-militar/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SERRANO, Pedro Estevam Alves Pinto. **Autoritarismo e golpes na América Latina: Breve ensaio sobre jurisdição e exceção**. São Paulo: Alameda, 2016.

\*\*\*\*\*

---

## O CONCEITO DE LIBERDADE EM SARTRE E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Ivanildo Santos Santana  
ivanildosofista@gmail.com

Esta comunicação tem como escopo apresentar o conceito de liberdade em Sartre e suas possíveis implicações na contemporaneidade. Após a apresentação do conceito de liberdade, pretende-se compreender a ligação entre angústia e má-fé. Busca-se mais especificamente mostrar de que forma a liberdade sartreana, associada à subjetividade, pode contribuir para uma vida mais autêntica frente à massificação do indivíduo no mundo contemporâneo.

O problema da liberdade e a falta de convivência pacífica entre os homens estão no eixo das discussões na contemporaneidade. Assim, o desafio de compreender a condição humana nos impulsiona a refletir sobre a liberdade na visão existencialista. Nesse sentido, a filosofia de Sartre é muito profícua, visto que seu pensamento tem como ponto de partida as ações concretas dos homens. O filósofo francês parte do princípio de que a existência precede a essência. Ou seja, a existência humana não está pautada numa essência fixa e definitiva que lhe dê causa e a determina. A consequência imediata disso é que não há uma “natureza humana” que precede a nossa existência no mundo, pois a essência não pode definir a vida, caso contrário não teria sentido falar de liberdade. Assim, da afirmação de que a existência precede a essência, vem à tona um sujeito moral totalmente livre para fazer suas escolhas.

Ao defender que não temos uma essência, Sartre procura estabelecer uma distinção fundamental entre o homem e os demais seres da natureza, os objetos, os artefatos, etc. Assim, contrariamente a estes seres, o homem tem consciência de si. Eis a liberdade fundamental que o define.

Sem a utilização de tabela de valores previamente constituída, a liberdade confere ao homem a possibilidade de inventar, inovar ou criar sua própria existência. Em outras palavras, o homem é o artesão do seu próprio destino, criando não somente os valores, mas os critérios das escolhas.

A primeira consequência dessa reflexão sobre a liberdade é a noção de angústia, entendida como desamparo, isolamento e incerteza perante as escolhas morais. Assim, o mundo se impõe e, diante dele, inúmeras alternativas de escolhas se abrem no horizonte da existência. Nesse universo que se abre, surgem também muitas dúvidas que são próprias de quem é livre, causando angústia e mal estar.

Daí decorre a noção de má-fé. Negação da liberdade. Aquele que age de má-fé, nega o caráter contingente da ação, inventando determinismos para tentar fugir da angústia. De acordo com esse entendimento, assumimos uma identidade sustentada por definições abstratas. Entretanto, não parece fácil encontrar essa essência. Toda perspectiva de essência é recusa de liberdade.

Sartre, em *O Ser e o Nada*, demonstra o exemplo do garçom de café, o mesmo adota atitudes com impressões sólidas, como se fosse uma coisa, ou seja, um ser *Em-si*. Assim, ele à renuncia sua

liberdade em nome de uma essência, negando a sua própria humanidade, mentindo para si mesmo. Não somos objetos, uma vez que possuímos a plena consciência de si, promovendo um afastamento em relação a nós mesmos.

Podemos estender essa análise para os dias atuais. Sabemos atualmente que a massificação tende a padronizar o comportamento do indivíduo. As pessoas abrem mão da liberdade ao incorporar papéis sociais prescritos pela sociedade. O mercado nos impõe diversas alternativas de consumo. Dificilmente, tais alternativas passam pelo crivo da liberdade.

Somos bombardeados permanentemente por várias formas de tutela possível tais como a opinião pública, as redes sociais, o marketing empresarial e político. Se observarmos esses argumentos do ponto de vista estritamente materialista, o homem seria apenas um reflexo das condições objetivas da sociedade.

Em contrapartida, Sartre destaca a questão da subjetividade. Ele nos ajuda a entender o sentido desse conceito quando diz que é necessário “constituir precisamente o reino humano como um conjunto de valores distinto do reino material” (SARTRE, 1978, p.15). Não somos absolutamente iguais uns aos outros. As situações sociais e naturais estão sujeitas às significações. Não existe nenhum fato bruto, interpretamos os fatos singularmente. Assim, os espaços sociais e econômicos não eliminam a singularidade dos indivíduos.

Por fim, a título de conclusão, se aceitarmos o homem enquanto indivíduo livre para escolher e conferir significado ao seu mundo, somos forçados a reconhecer que as possibilidades de comportamento tendem ao infinito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Liberdade. Angústia. Má-fé. Subjetividade.

## **Referências**

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 3-32. [Os Pensadores]

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\*\*\*\*\*

---

## **OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS PRESENTES NO PERCURSO EPISTEMOLÓGICO DE CONSOLIDAÇÃO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA**

**Jasciara Shirley Barreto Brasil Farias dos Santos**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
jascibrasil@gmail.com

**Laiz Silva Pereira**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
laizmusic12@gmail.com

**Leidiane Ribeiro Silva**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
leidianeribeiro112@gmail.com

A Psicologia contemporânea pode ser considerada como área do saber que integra diversas esferas do conhecimento, visto que se interessa em estudar o comportamento humano e os processos mentais desde o nível neural até o nível cultural. Acrescenta-se a isso, o aspecto de que essa disciplina aborda todas as questões humanas que começam antes do nascimento e continuam até a morte.

Do ponto de vista histórico, enquanto ciência moderna, a Psicologia pode ser considerada uma nova disciplina. Por outro lado, trata-se de uma área que se funde com os primórdios da humanidade. Os primeiros filósofos gregos, como Sócrates, Platão e Aristóteles abordaram tópicos frequentemente discutidos na Psicologia atual.

Este trabalho pretende traçar uma linha histórica a partir da Antiguidade, quando os primeiros "vestígios" de reflexão foram encontrados nas civilizações antigas até o século XIX, quando a Psicologia surge como ciência e disciplina acadêmica distinta da Filosofia.

A compreensão sobre o papel da psicologia científica na atualidade, está atrelada ao senso comum de ser uma ferramenta que permite aos sujeitos o reconhecimento das próprias emoções de acordo com as suas necessidades individuais, para que se sintam aptos a agir nas diversas situações a que são impelidos durante a vida. Considera-se, portanto, que as fundamentações filosóficas voltadas ao homem, que se deram na Antiguidade tiveram uma grande contribuição no que tange ao campo da Psicologia.

Ademais, em meados do século XIX, o desenvolvimento das ciências tornou-se uma necessidade urgente como uma preliminar para qualquer ação considerada para o aperfeiçoamento humano. Diante disso, é notório que a partir do desenvolvimento científico enquanto uma forma de pensamento, houve o recuo da Filosofia, com isso, a Psicologia viu-se necessária em tornar-se científica. (CAMBAÚVA, SILVA & FERREIRA, 1998, p. 222).

Ao analisar as contribuições filosóficas para o surgimento da Psicologia Científica evidenciou-se que ao longo do percurso histórico, a filosofia introduziu diferentes tópicos à psicologia, como sensação, percepção, inteligência e memória. Além disso, fica claro que a ciência difere da filosofia por consistir não apenas em reflexão, pensamento, mas também utiliza métodos empíricos para descobrir novos fatos. Não podemos adquirir novos conhecimentos sobre a realidade apenas pensando; para fazer isso, temos que explorar a realidade empiricamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Científica. Fundamentações Filosóficas. Percurso Epistemológico.

## **Referências**

BRÜGGEMANN, S. de Fátima M. **Estágio de prática jurídica como expressão do humanismo e instrumento transformador ao direcionamento da cidadania pluralista: Perspectiva do humanismo no Direito: Tese de Doutorado em Direito.** Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92412> > Acesso em: 06 de set. de 2021



CAMBAUVA, L. G. **Fundamentos da Psicologia: reflexões. Psicologia Estudos**. Maringá, 5 v.2 n. 2000. <https://www.scielo.br/j/pe/a/xQxTR8MZrQsz8s4yjTJJdTP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 de set. de 2021

CAMBAÚVA, L. G.; SILVA, L. C. da; FERREIRA, W. **Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. Estudos de Psicologia** – Natal (1996). vol. 03, nº 02. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/yHVhwWSrcQ7wpJfbGnBjqQK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 09 de set 2021

GOMES, WB. História da psicologia para curso de graduação. In FREITAS, RH., org. **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 114-124. ISBN: 978-85-99662-83-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/c2248/pdf/freitas-9788599662830-09.pdf>> Acesso em: 10 de set. de 2021.

GONÇALVES, M. G. M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, p. 47-65, 2015.  
\_\_\_\_\_. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós moderno. **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, p. 67-92, 2015.

NASCIUTTI, J. C. R. **A instituição como via de acesso à comunidade**. In R. H. F. Campos (Org.), **Psicologia social comunitária**. Petrópolis: Vozes. (1996).

NETO, A. N. O psicólogo clínico. In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: 8ªed/ Brasiliense, 1989. p.181-194.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. (p. 51-61) 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

\*\*\*\*\*

---

## OS CONCEITOS DE ALIENAÇÃO DE FEUERBACH E MARX EM “FRANKENSTEIN” DE MARY SHELLEY

**Jackson Batista Oliveira**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
jb\_oliveira@hotmail.com

**Pollianna Santos Prates**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
polliannaprates@hotmail.com

O presente resumo tem por fito analisar aspectos da obra “Frankenstein” da escritora britânica Mary Shelley (1797-1851) sob o prisma do conceito de alienação presente nos escritos de Feuerbach (2007) e Marx (2004).

Publicada em 1818, “Frankenstein” narra a trajetória de Victor Frankenstein, um jovem autodidata interessado em estudos sobre alquimia. Ao chegar à universidade, Frankenstein vê seus

estudos alquímicos serem desprezados por seus mestres e, por orientação destes, entra em contato com as ciências naturais. A partir de então, o jovem estudante mescla ambos conhecimentos e busca desvendar os segredos sobre a geração da vida. Empenhado em provar suas teses, Frankenstein abstém-se da vida social e sacrifica sua saúde em prol de um projeto obsessivo que visa a criação de um ser humanoide, com estatura gigantesca, utilizando órgãos e tecidos de cadáveres humanos e animais mortos. Após estruturar o corpo de sua criação, Frankenstein dá-lhe vida através de um soro vital, porém, ao deparar-se com o ser, o jovem estudante foge amedrontado de sua presença. A criação de Victor desaparece por meses e, ao longo desse tempo, pessoas próximas ao estudante são assassinadas. Frankenstein acredita que sua criação esteja cometendo os crimes e, tomado pela culpa, resolve retirar-se para um lugar ermo e coberto por gelo. Lá, Victor encontra-se com sua criatura e esta conta-lhe sua história.

Esse ponto da trama é tema central de nossa análise, pois é nele que vemos o embate entre criatura e criador. O ser criado sente grande rancor devido a rejeição de Victor. Já este, abominou sua criatura no mesmo instante em que lhe deu vida. O criador não reconhece em sua obra qualquer traço de humanidade ou características suas. O tom para com ela é sempre de repúdio, demonização e estranhamento. Nesse ponto do confronto cabe a reflexão calcada no conceito de alienação.

Feuerbach (2007) desenvolve o conceito de alienação associando-o ao fenômeno religioso. Segundo o autor, a religião é uma alienação da essência humana, pois os seres humanos alienaram de si suas melhores qualidades e as projetaram na figura de Deus. Porém, os homens não mais se reconhecem na divindade e invertem a compreensão do processo criativo colocando o Deus criado como criador deles mesmos.

Marx inspira-se em Feuerbach ao desenvolver seu conceito de alienação, porém vai além ao afirmar que a alienação, dentro de uma sociedade de classes – que é oriunda da propriedade privada e da exploração - tem origem no trabalho. Para Marx, este é o ato fundante da humanidade. Por meio do trabalho, os homens transformam a natureza e produzem os meios necessários para sua existência. Entretanto, quando os produtores não possuem a propriedade dos meios de produção e vendem sua força de trabalho em troca de um salário, que mal supre as necessidades básicas de sua subsistência – como é o caso do modo de produção capitalista – o trabalhador é alienado daquilo que produziu. O fruto do seu trabalho torna-se algo estranho ao trabalhador, pois, mesmo antes de ser concebido, o produto já pertence a outrem. Dessa forma, além de não se reconhecer em sua própria criação, o criador sente-se ameaçado por ela.

Voltemos à obra de Shelley, em especial na relação entre Frankenstein e o “monstro”. Embora a criação deste não tenha sido fruto de um trabalho alienado, de certa forma, o produto do trabalho de Victor lhe é estranho e sempre retorna para atormentá-lo. Porém, tal como o trabalhador – no capitalismo - não se reconhece no fruto do seu trabalho, assim como os religiosos não se reconhecem nos deuses que criaram, Frankenstein não vê que as acusações de monstrosidade feitas a sua criatura cabem a ele próprio. Victor chama sua criação de monstro, mas cometeu atos monstruosos para criá-la. Se os homens, na concepção feuerbachiana, alienaram de si suas melhores qualidades e as projetaram na figura de Deus, Victor alienou suas piores qualidades e as projetou na figura de sua criatura. Contudo, “o monstro” é algo tangível, fruto do trabalho que transformou a natureza morta em algo vivo. Todavia, tanto sob prisma de Marx ou de Feuerbach, Frankenstein não se reconhece no fruto de seu trabalho e tem para si que as qualidades de sua criatura são estranhas às suas e o “monstro” ameaça sua existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Frankenstein. Alienação. Marx. Feuerbach

## **Referências**

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. E-book. Disponível em: < <https://bityli.com/zEd1i>>. Acesso em 09 dez. 2021.

\*\*\*\*\*

---

## **AGOSTINHO: O MAL NA CONDUTA HUMANA**

**Jadilson Almeida Vilas Boas**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor do Colégio da Polícia Militar Eraldo Tinoco, Brasil, [jvilasboas50@gmail.com](mailto:jvilasboas50@gmail.com)

Nesta pesquisa, com base na fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur como referencial metodológico, temos como foco central a investigação ético-moral sobre o mal no livro VII das *Confissões* de Agostinho, e como ele desenvolve a sua teoria a partir desse problema numa perspectiva metafísico-ontológico: “Qual a origem do mal na ética agostiniana?”. Este percurso vai aproximar-se da questão ético-moral ou no mal moral. Ademais, a resposta a essa questão marca uma ruptura em relação à concepção original do mal, uma vez que “A filosofia antiga clássica havia interpretado o mal como uma inversão da ordem em que as faculdades da alma devem se encontrar de acordo com sua natureza” (BRACHTENDORF, 2020, p. 77).

A partir do momento em que Agostinho escreve no livro VII das *Confissões*, sobre a origem do mal ou por que existe o mal, ele faz uma distinção acerca do mal metafísico- ontológico, isto é, o mal que se pratica e o mal que se suporta e, nesse sentido, Agostinho argumenta que Deus não tem relação com o primeiro – mal que se pratica – mas que é a causa do segundo. No entanto, durante o percurso da sua vida, Agostinho esteve em busca da verdade e, por essa razão, se aproximou de várias doutrinas e crenças, a exemplo do maniqueísmo, ceticismo e neoplatonismo.

Agostinho ao empreender uma busca por uma base que lhe proporcionasse um fundamento religioso, ele logo encontra auxílio ao se deparar com o maniqueísmo, que representa uma crença dualista, de um deus bom e de um deus mal. Desiludido com a doutrina maniqueísta, Agostinho se aproxima do ceticismo na esperança de que é possível retomar a sua caminhada em direção ao seu alvo, isto é, a procura de si mesmo. No entanto, não encontrando um pilar que lhe proporcionasse uma sustentação por meios racionais para finalmente se chegar a verdade, Agostinho se depara com a filosofia neoplatônica do filósofo Plotino.

A filosofia plotiniana parece ser um propulsor para Agostinho desenvolver a teoria que poderia solucionar, segundo ele, o problema do mal. Ou melhor, através da filosofia neoplatônica,

Agostinho busca construir uma nova interpretação para o problema do mal metafísico-ontológico. A partir de então, o percurso construído por Agostinho é para mostrar que o homem precisa viver bem, mas precisa ter uma vida em relação a uma ordem divina.

Em Agostinho, portanto, o mal não guarda nenhuma relação com uma preexistência ao mundo. Desse modo, a origem do mal é trazida para o interior do próprio homem, e por esse motivo, o homem sendo possuidor de uma vontade que pode decidir se aproximar ou não do mal, não se caracteriza, por consequência, como uma criatura indiferente diante de um mal existente fora de si mesmo. Em defesa dessa argumentação, Gilson (2010, p. 252) escreveu que “a força de que uma decisão tão importante depende é tão somente a vontade”.

Se, no pensamento de Agostinho, o mal não preexiste ao mundo, tal como afirmavam os maniqueístas, mas que está dentro de nós como volição, e que os humanos podem despertar uma vontade de praticá-lo, depreende-se disso que o mal seria um desvio da vontade e um consequente afastamento de Deus: “Perguntei que era a iniquidade, e não achei substância, mas a perversidade de uma vontade que se aparta da suprema substância...” (AGOSTINHO VII, 2020, p. 201). Essa passagem possibilita afirmar que a origem do mal está no interior do homem e, nesse sentido, ele se constitui como possuidor de uma vontade que lhe permite decidir, por assim dizer, entre um bem ou um mal.

Enfim, é por este percurso que a problemática referente à imputação de responsabilidade por parte dos humanos e, por consequência, no que diz respeito aos seus próprios atos do ponto de vista ético-moral, essa temática entra no propósito da reflexão do pensamento de Agostinho e pode nos ajudar a compreender o quanto a questão da vontade em sua possibilidade de aderência ao mal torna-se uma forma de pensar numa ética da responsabilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Filosofia. Mal. Agostinho

## **Referências**

AGOSTINHO. **Confissões**. Rio de Janeiro: Petra, 2020.

BRACHTENDORF, Johannes. **Confissões de Agostinho**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2020.

GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

\*\*\*\*\*

---

## **O EFEITO FOTOELÉTRICO: ENTRE A QUANTIFICAÇÃO E A FILOSOFIA**

**Jorge Raphael Rodrigues de Oliveira Cotinguiba**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
jorgecotinguiba@gmail.com

**Átilas Cheles Keler**

**Valmir Henrique de Araújo**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

profvalmirh@uesb.edu.br

A reflexão aqui em pauta é parte de um estudo de uma dissertação do Programa de Mestrado Nacional Profissional de Ensino de Física - MNPEF, Vitória da Conquista, BA, Polo 62, com o título “O Estudo do efeito fotoelétrico na perspectiva de Hertz, Lenard e Einstein: A experimentação leva ao conhecimento?”. Estes cientistas desenvolveram as pesquisas, respectivamente em 1886, 1903 e 1905.

A opção abordagem qualitativa no ensino da Física (ZANELLA, 2013), procura contemplar tanto a perspectiva filosófica, em contraposição ao excesso de quantificação no ensino da Física (SANTOS, 2020, p. 18; ARAÚJO, 2012, p. 64; SANTOS, JOSÉ e ARAÚJO, 2021).

O objetivo é apresentar uma breve discussão do aspecto filosófico do fenômeno “Efeito fotoelétrico” no Ensino da Física, que apresenta os temas de estudos como um fato consumado, por meio da equação.

O **efeito fotoelétrico** é o fenômeno no qual elétrons são emitidos de metais ao se incidir um feixe de luz (BEM-DOV, 1996, p. 130). E quando Hertz realizou o experimento em 1886 e Lenard em 1903, eles interpretaram os resultados, segundo a teoria vigente, o Eletromagnetismo de Maxwell. Einstein resolve a questão por um outro caminho que se insurge como um problema filosófico, em última instância. Para Ben-Dov (1996, p. 130), Einstein afirma que o *efeito* “só pode ser interpretado caso se admita que o metal absorve a luz por lotes discretos, que nada mais são do que pacotes de energia de Planck”.

Eis um ponto problemático quanto aos pacotes de energia de Planck:

[...] para determinar a distribuição da energia entre as diversas vibrações do campo eletromagnético, ele dividiu essa energia em pequenas unidades isoladas. Tal decomposição de uma grandeza contínua em elementos descontínuos só é fisicamente legítima se for possível, ao fim dos cálculos, fazer tender o tamanho dos elementos para zero de modo a se obter o resultado do caso contínuo. Curiosamente, porém, esses pacotes de energia se recusavam a tal comportamento e Planck foi obrigado a supor que cada pacote de energia eletromagnética possui um valor finito, igual à frequência da vibração multiplicada por uma nova constante até então desconhecida (BEM-DOV, 1996, p. 130).

Bem-Dov (1996, p. 130) observa que Einstein, em 1906, ao examinar seus cálculos percebeu um paradoxo quanto as equações de Maxwell de campo contínuo e os pacotes de energia de Planck. Para Locqueneus (1989, 0. 117-119), a abordagem de Einstein está inscrita na corrente neopositivista, na qual a teoria do conhecimento de Mach, influencia fortemente os primeiros trabalhos de Einstein e se reflete no título do artigo publicado em 1905 sobre o efeito fotoelétrico “Sobre um ponto de vista heurístico concernente à geração e transformação da luz”.

Para concluir o breve resumo sobre o efeito fotoelétrico, Stachel (2001, p. 195-196) “Einstein sugere que a incapacidade da teoria de Maxwell de fornecer uma explicação adequada da radiação poderia ser remediada por uma teoria na qual a energia radiante estivesse distribuída descontínua no espaço”. E por isso Einstein formulou a hipótese do quantum de luz.

A abordagem desse fenômeno pode ser utilizada no Ensino Médio como uma forma de implementação da Física Moderna, com o primor da história e da filosofia da ciência e não apenas a operacionalização de equações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Efeito fotoelétrico. Ensino de Física. Filosofia da Física.

## Referências

ARAÚJO, Valmir Henrique de. **Prototexto: uma narrativa poética da Ciência**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2012.

BEM-DOV, Yoav. **Convite à física**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.  
LOCQUENEUX, Robert. **História da Física**. Publicações Europa-América, 1989.

SANTOS, Marcos Oliveira dos. Fisicartoons: escalas na astronomia por meio de tirinhas. / Marcos Oliveira dos Santos – Vitória da Conquista: UESB, 2020. **Dissertação**. 116p.

SANTOS, Marcos Oliveira dos; JOSÉ, Wagner Duarte; ARAÚJO, Valmir Henrique de. Vivenciando a história da astronomia por meio de tirinhas: uma sequência para o estudo de escalas no ensino fundamental. **Experiências em Ensino de Ciências V.16, No.2**. 2021. Disponível em: <<https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/929/827>>. Acesso em 04 dez 2021.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.

\*\*\*\*\*

---

## O ADOECER HUMANO A PARTIR DO PENSAMENTO DE HEIDEGGER

**José Isaac Costa Júnior**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
201620247@uesb.edu.br

**Caroline Vasconcelos Ribeiro (Orientadora)**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
caroline.ribeiro@uesb.edu.br

Com essa comunicação, pretendemos traçar algumas indicações sobre uma abordagem fenomenológica do adoecimento humano, que seja afinada ao pensamento de Martin Heidegger e à sua compreensão de ser humano e de corpo. Para tanto, dividiremos esse trabalho em três momentos. No primeiro abordaremos o tratamento heideggeriano dado à existência humana e à sua corporeidade. O filósofo alemão distingue o nosso modo de ser com o termo *Dasein*, ser-aí, e indica com a expressão *ser-no-mundo* uma de suas estruturas fundamentais, caracterizando ontologicamente o ente que nós mesmos somos como aquele que é aberto para o próprio ser e para a totalidade dos entes. Nesta perspectiva, o *Dasein* só é, sendo no mundo – compreendido como horizonte de sentidos e de possibilidades no qual ele já se vê sempre lançado. Dessa forma, o *Dasein* não é uma substância encerrada em si mesma, mas sim potencialidade de ser, tendo de constituir-se constantemente. Munido com esta concepção de ser humano, Heidegger aponta para a necessidade de uma interpretação da experiência humana de corpo que leve em conta não apenas o seu corpo material (*Körper*), mas também o corpo vivido (*Leib*) enquanto fenômeno existencial.

Não portamos ou analisamos o nosso corpo à distância como a um objeto qualquer, nós o vivemos enquanto estrutura ontológica, afinal, é corporalmente que as possibilidades nos são abertas e que o mundo nos vem ao encontro. Nesse sentido, Heidegger nos fala sobre o corporar do corpo (*Leiben des leibes*) ao se referir à maneira como minha estada no mundo é sempre corporificada. Após apresentar estes argumentos, discutiremos uma interpretação fenomenológica da saúde e do adoecer humanos fundada em uma perspectiva existencial através do conceito de corpo vivido, tendo como referenciais autores como James Aho, Kevin Aho, Roberto Nogueira e Robson Reis. O marco fenomenológico se distancia da maioria dos estudos e práticas de saúde ancorados no modelo biomédico cuja concepção de corpo ainda se assenta na ideia de *res extensa* e nas pretensões cartesianas de objetividade. O referido marco prioriza a perspectiva descritiva da primeira pessoa para o exame da condição enferma, uma vez que não estão tão preocupadas exclusivamente com explicações causais e patológicas do *Körper*, mas antes com as experiências existenciais do *Leib*, como James Aho e Kevin Aho esclarecem. Segundo Reis, essa perspectiva recusa uma compreensão do adoecer que se limita à observação de um corpo material em seus movimentos anatomofisiológicos, encarando o adoecimento como uma ruptura na unidade do ser-no-mundo-corporificado que afeta a espacialidade e a temporalidade existenciais, rompendo a familiaridade do corporar cotidiano. Nesse sentido, abordaremos duas indicações importantes dos autores em comento: o caráter oculto do corpo vivido saudável e a interpretação da saúde como a própria potencialidade de ser constitutiva do *Dasein*, da qual decorre a ideia de que o adoecimento seria um modo privativo. No terceiro e último momento de nossa comunicação, discutiremos – com base nessa interpretação de corpo, saúde e adoecimento – alguns dos momentos estruturais do adoecimento pertinentes a uma análise existencial da saúde, tais quais a dor, o estigma e o encolhimento existencial. Assim, apresentaremos os pontos fundamentais de uma compreensão sobre o adoecer humano em seu desvelamento existencial, tomando por base as indicações heideggerianas e de estudiosos de Heidegger que se dedicaram ao exame do tema da saúde e do adoecimento. Esse trabalho é fruto de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB), sob orientação da Profa. Dra. Caroline Vasconcelos Ribeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. *Dasein*. Adoecimento. Fenomenologia. Existencial.

## Referências

AHO, James; AHO, Kevin. **Body matters: a phenomenology of sickness, disease, and illness.** United Kingdom: Lexington Books, 2008.

AHO, Kevin. **Heidegger's neglect of the body.** New York: Sunnypress, 2009.

HAAR, Michel. **Heidegger e a essência do homem.** Lisboa: Inst. Piaget, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I.** Tradução de Marcos Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche II.** Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Seminários de Zollikon:** protocolos, diálogos, cartas. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: Escuta, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia de Sá Cavalcante; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editoria Universitária São Francisco, 2015.

NOGUEIRA, Roberto Passos. A saúde da *Physis* e a saúde do *Dasein* em Heidegger. **Physis:** Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p.429-450, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/dczQcShKnH9SrN34zsLfzNq/?lang=pt>. Acesso em: 27/09/2021.

\_\_\_\_\_. Para uma análise existencial da saúde. **Interface:** Comunic., Saúde, Educ., Brasília, v. 10, n. 20, p. 333-345, jul/dez 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/kRBcFjJr6zLtF7CJ6CrJrx/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 06/10/2021.

REIS, Róbson Ramos dos. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. **Nat. hum.**, São Paulo, v.18, n.1, p. 122-143, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302016000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302016000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27/09/2021.

ROEHE, Marcelo Vial. **Concepção de ser humano subjacente à discussão sobre saúde na psicologia:** uma proposta de orientação heideggeriana. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20368>. Acessado em: 27/09/2021.

\*\*\*\*\*

---

## **O COGITO CARTESIANO COMO FUNDAMENTO DA VERDADE ENQUANTO CERTEZA: APONTAMENTOS HEIDEGGERIANOS**

**José Isaac Costa Júnior**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
201620247@uesb.edu.br

**Caroline Vasconcelos Ribeiro**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
caroline.ribeiro@uesb.edu.br

Com esse trabalho pretendemos apontar, nos rastros da filosofia de Martin Heidegger, os aspectos fundamentais da concepção cartesiana de sujeito e de sua relação com a essência da verdade, indicando assim a sua importância para o pensamento moderno. Heidegger identifica, na modernidade, uma transformação na essência da verdade, que passa a ser compreendida como *certeza*. Para o filósofo alemão, isso se relaciona ao estabelecimento do ser humano como



*subiectum*, isto é, como sujeito diante do qual a realidade é colocada enquanto conjunto de objetos. Convém destacar, com Heidegger, que a palavra *subiectum* é a tradução latina do termo grego *hupokeímenon*, que significava “o que se estende adiante”, o que reúne o todo em si mesmo – ou seja, a princípio não tinha nenhuma relação relevante com o homem, designando tudo o que é. Dessa forma, o filósofo de *Ser e tempo* sustenta que ainda não há, no pensamento grego ou medieval, os conceitos de objeto e objetividade – trata-se de uma modificação na presença dos entes, que a partir da filosofia de René Descartes passam a ser tomados pela sua possibilidade de representação através e conforme as exigências de um sujeito. Na segunda regra de sua obra *Discurso do método*, Descartes propõe às ciências determinadas coisas como objetos possíveis – apenas os âmbitos passíveis de conhecimento seguro e indubitável. Na terceira, ele fala da *res* – coisa, substância – como *objecta*, colocando antecipadamente as coisas como objetos. Podemos assim compreender que quando o filósofo francês fala, em sua quarta regra, sobre a necessidade do método para investigar *a verdade das coisas*, trata-se da criação de uma via de acesso aos entes que permita conhecer sua verdade no sentido da certeza. Sendo assim, apenas é verdadeiro o que se pode ser encarado clara e distintamente. Para Heidegger, a posição de Descartes surge da necessidade do ser humano – após renunciar a receber a determinação de sua existência através da fé, da autoridade da Bíblia e do ensino religioso, vindo a depender de si mesmo – de procurar apoiar-se em algo que lhe desse uma segurança objetiva livre de especulações. Dessa forma, a questão filosófica “o que é o ente?” transforma-se, com Descartes, na questão sobre o *fundamentum absolutum inconcussum veritatis* - o fundamento inabalável da verdade. De acordo com o filósofo alemão, tal fundamento é encontrado na evidência que se mantém clara e distinta mesmo após eliminarmos tudo o que possa ser duvidoso: se eu duvido de tudo – isto é, penso –, eu existo. Para Heidegger não se trata de um silogismo, mas de uma intuição direta: na sentença “eu penso” dá-se simultaneamente que “eu sou”. Assim, Descartes concebe a essência humana como *res cogitans*, uma substância pensante que, por ser subjacente à todas as determinações, é pensada como *subiectum* cuja presença satisfaz à essência da verdade no sentido da certeza; enquanto *subiectum* o ser humano se faz presente e constante a cada vez em toda representação, como o centro de referência do ente enquanto tal. Segundo o autor de *Ser e tempo*, essa objetivação da realidade se efetua numa re-representação (*Vorstellen*) que examina e verifica, isto é, que se assegura do ente em sua adequação objetiva ao sujeito representador. Este conceito de verdade tem como consequência o estabelecimento do poder domesticador do pensamento metódico, um poder que se assegura pela manipulação e cálculo do real. Nessa comunicação apresentaremos, primeiramente, a indicação heideggeriana sobre a transformação da essência da verdade em certeza na modernidade. Em seguida, abordaremos a interpretação de Heidegger sobre o *subiectum* cartesiano e sua constituição. E, por fim, explicitaremos a relação fundamental entre essa concepção de sujeito e a verdade em sua essência moderna. Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa integrante de meu Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação da Profa. Dr.<sup>a</sup> Caroline Vasconcelos (UESB).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Objeto. *Res cogitans*. Verdade. Representação.

## **Referências**

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Introdução de G. G. Granger; prefácio e notas de G.

Lebrun; tradução de J. Guinsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973 . (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Clássicos).

HAAR, Michel. **Heidegger e a essência do homem**. Lisboa: Inst. Piaget, 1997.

HEIDEGGER, Martin. A época da imagem do mundo. Tradução de Paulo Schneider Rudi. In: RUDI, Paulo Schneider. **O outro pensar**: sobre que significa pensar? e a época da imagem do mundo, de Heidegger. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 191-232.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche I**. Tradução de Marcos Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche II**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Seminários de Zollikon**: protocolos, diálogos, cartas. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: Escuta, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia de Sá Cavalcante; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editoria Universitária São Francisco, 2015.

MARQUES, Jordino. **Descartes e sua Concepção de Homem**. São Paulo: Loyola, 1993.

\*\*\*\*\*

---

## NATUREZA E DESAMPARO EM FREUD

**Julio Alexandre Fachini**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) /

Katholische Privat-Universität Linz (KULINZ)

juliofachini@gmail.com

A cultura é baseada na coação. Segundo Sigmund Freud, a civilização exige renúncias instintuais, o que possibilita observar todo indivíduo como um inimigo da cultura. Com as renúncias instintuais e as proibições, a humanidade começou a se desprender da natureza e se afastou de seu estado animal.

Apesar do que podem ser considerados como “desenvolvimentos” da civilização de tempos pretéritos até a contemporaneidade, certa coação externa para contenção dos impulsos continua sendo necessária.

Além de a cultura exercer uma força de coação para conservar a renúncia das pulsões, a renúncia pulsional gera uma força em sentido contrário: uma hostilidade direcionada à cultura.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud desenvolve o que intitula “mito científico”, no qual narra além das primeiras tentativas de interdições de desejos, os primeiros pactos da civilização. As primeiras leis seriam baseadas na repressão interna das pulsões, assim como na esperança de que aquela organização, ou seja, o restante do grupo ou horda, também interdite seus desejos. No mito freudiano, em semelhança a parte de organizações de outros primatas, os primeiros humanos viveram em pequenos grupos que possuíam um único macho dominante. Devido a impossibilidade dos demais machos reproduzirem, o macho dominante se tornava pai de todos os integrantes da horda. Em certo momento, os filhos matam o pai tirano e se alimentam de sua carne. A partir do parricídio, foi desenvolvida uma nova organização social, onde os irmãos esperam que nenhum outro irmão tente ocupar o lugar do pai, pois qualquer um que tentasse ocupar o lugar do pai, seria morto. A civilização passou a reprimir as pulsões de forma individual e coletiva, a organização coletiva surge através da renúncia das pulsões.

Para Freud, a cultura possui como autêntica razão de ser, defender o homem da natureza. A natureza se ergue contra a cultura com seu superior poder, de forma “majestosa, cruel e implacável” (FREUD, 2014, p. 247). Ela não se sujeitará ao homem, o reverso disso, a natureza parece zombar da humanidade.

Segundo o autor, a única impressão agradável da humanidade diante da opulência da natureza, é a perda de discordâncias culturais e hostilidades internas de uma civilização em decorrência de um desastre natural. Diante da catástrofe, a identificação como pertencente a dado povo ou cultura é minimizada perante a identificação como “humano”, em consequência da eleição de um inimigo em comum, neste caso, a natureza, contra a qual o homem luta pela sua própria preservação.

A natureza torna a existência difícil de ser suportada, além de sua faceta ativa, a natureza é indômita. O homem tenta domá-la, no entanto, a natureza doma o homem e a cultura, suprimindo-os, impondo-os a privação e conseqüentemente gerando sofrimento. A felicidade irrestrita existiria, supostamente, apenas em um tirano, que seria impreterivelmente morto.

Buscaremos nesta comunicação analisar o conflito da cultura contra a natureza a partir de dois movimentos: um da humanidade ou do grupo, diante dos fenômenos naturais os quais o homem não pode controlar, desde a chuva corriqueira até uma pandemia global, além de um movimento de configuração interna, com a cultura tentando reprimir as pulsões, assim como tentando evitar o desamparo diante de uma característica da natureza intrínseca a condição humana: a morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud. Cultura. Natureza. Desamparo. Morte.

## **Referências**

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. [v, 11].

\_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. [v, 15].

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão**. São Paulo: Cia das Letras, 2014. [v, 17].

## E SE A “FILOSOFIA DOS MEMES” EXISTISSE?

**Kleyverson Rodrigues dos Santos**

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

kleyversondossantos@gmail.com

Os memes fazem parte da vida cotidiana das pessoas que estão no mundo virtual. Eles nos fazem rir, pensar, ridicularizar e, sobretudo, só fazem sentido quando parte de duas nuances: uma imagem/frame reconhecido por um aquele que vê; e, uma nova linguagem e diálogo que se complementam. A origem da palavra meme parte de uma análise da palavra mimese, um conceito platônico. No entanto, seria anacrônico atribuir a Platão o conceito contemporâneo. Na literatura, o “meme” é um termo cunhado pelo biólogo Richard Dawkins numa compreensão de aspectos da evolução humana. O meme pode ser um vídeo, uma música, um texto, ou seja, a capacidade humana de repetir e retomar a memória. E é aqui que as imagens ganham força. O problema do meme filosófico está para além do seu conceito ou da investigação filosófica sobre o termo, é compreendê-lo sob o fulcro da semiótica.

Somos cercados de imagens e as imagens compreendem o nosso mundo. As imagens estão presentes em nossas vidas desde as pinturas rupestres até chegar à escrita; a escrita, por sua vez, é um emaranhado de códigos, signos, símbolos que são imagens. As imagens retomam em nosso cotidiano a tarefa de ir na contramão da escrita linear. No mundo virtual (ou ciberespaço) as tecnoimagens (conceito de Vilém Flusser, filósofo Checo-brasileiro) perpassam a construção do hipertexto e potencializam uma imersão na cibercultura. É no espaço virtual que nos encontramos e criamos instrumentos com flexibilidade atemporal e espacial, oportunizando outras dinâmicas de compreensão de mundo.

A filosofia adentra esse espaço quando se abre em leques de interconexão trazendo nas imagens um conceito, tal qual a filosofia se reserva em sua atividade, a fábrica de conceitos. Então, a filosofia dos memes é possível e é uma tendência da práxis tecnológica, principalmente na produção filosófica brasileira, considerando todo o nosso humor e o desenvolvido de uma filosofia da linguagem/semiótica. Pensar uma filosofia dos memes é potencializar o que já nos cerca e não é pensado sob ótica filosófica. Portanto, os objetivos da comunicação oral é trazer a dimensão virtual questionamentos de seu mundo próprio, os memes; investigar a temática dos memes filosóficos a partir do seu universo das imagens técnicas e compreender seus sistemas de comunicação que imergem no ciberespaço promovendo uma discussão filosófica pautada na semiótica; bem como, examinar o conceito de imagens técnicas e alinhar aos memes; por fim, caracterizar o ciberespaço e a cibercultura.

No Brasil, os memes de internet são objeto de pesquisa há quase duas décadas. No entanto, no que diz respeito a análise filosófica, a temática ainda é cheia de lacunas. Elucidar o referencial teórico de Pierre Levy, Vilém Flusser e Shifman é de fundamental importância para teorizar os memes filosóficos, uma vez que acontecem no espaço virtual. Esta investigação justifica-se pela

eminente importância em se trazer à baila a temática do mundo virtual e o lugar que a filosofia ocupa e chama a atenção e comporta reflexões imprescindíveis para auxiliar nos caminhos e nas vertentes diversificadas de pensar filosofia e suas divergências bem como a temática do meme, ponto fulcral desta pesquisa.

A linguagem e o conhecimento que se debruçava no meio físico, torna-se cada vez mais virtual e instantâneo. Por isso, a ciberespaço dá vazão a cibercultura como movimento social, embora, no espaço “técnico”. O imperativo categórico da cibercultura é a comunicação universal. O legado dessas discursões na academia é uma inesgotável fonte de reflexão encontrada nas mais distintas ideias de diferentes autores. Nota-se a importância de se buscar sempre aquilo que se passa despercebido e muitas vezes marginalizado. Deste modo, é imprescindível conceber no campo filosófico a especialidade desta pesquisa que abarca o universo das imagens técnicas. Assim, os possíveis resultados estão no campo das discussões e ainda abarca sua robustez teórica a partir do elemento contemporâneo da linguagem dos memes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia dos Memes. Memes Filosóficos. Memes. Semiótica

## Referências

ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Tradução Coordenada por Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: Edufba, 2020.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: UNESP, 2009.

FLUSSER, Vilém. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. **Elogio da superficialidade: o universo das imagens técnicas**. Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: É Realizações, 2019.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. São Paulo: É Realizações, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: É Realizações, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

- \_\_\_\_\_. **No enxame:** perspectiva do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.
- LATUOR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaios de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- LEAL-TOLEDO, Gustavo. Até onde vai o meme: o problema da unidade e o problema da ontologia. **Principia**, [s. I.], v. 20, n. 2, 2016.
- \_\_\_\_\_. O nascimento do homem e do meme. **Kalagatos**, v. 11, n. 21, 2014.
- LÉVY, Pierre. **A ideografia dinâmica:** rumo a uma imaginação artificial. Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento da era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- PARENTE, André (Org.). **Imagem-máquina:** a era das tecnologias do virtual. São Paulo: Editora 34, 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens.** Tradução de Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SHIFMAN, Limor. The cultural logic of photo-based meme genres. **Journal of Visual Culture**, Londres, v. 13, n. 3, p. 340-358, 2014.
- \_\_\_\_\_. Humor in the age of digital reproduction: continuity and change in internet-based comic texts. **International Journal of Communication**, Los Angeles, v. 1, p. 187-209, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Memes in digital culture.** Cambridge: MIT Press, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Testimonial rallies and the construction of memetic authenticity.** *European Journal of Communication*, Londres, v. 33, n. 2, p. 172-184, 2018.

\*\*\*\*\*

---

## APONTAMENTOS SOBRE ESQUECIMENTO E MEMÓRIA A PARTIR DA VISÃO HEIDEGGERIANA DE *ALÉTHEIA*

Leonardo Victor de Souza Santos Silva  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS)  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
leocomdc@hotmail.com

**Caroline Vasconcelos Ribeiro (Orientadora)**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS)  
caroline.ribeiro@uesb.edu.br

A interpretação do filósofo Martin Heidegger acerca dos fragmentos de Heráclito e de Parmênides aponta para o fato de que a tradição metafísica inaugurada por Platão, operou um esquecimento do ser em “verdade”. Esta verdade, afirma Heidegger, era entendida como *Alétheia*. A presente comunicação visa examinar o confronto da constituição da partícula *léthe* (esquecimento) na experiência grega de *Alétheia* (verdade), à luz da recolocação heideggeriana sobre o problema filosófico do ser. Em sua análise sobre a origem da filosofia, Heidegger aponta para esquecimento do ser inaugurado pela pergunta “Que é isto - o ente?” (*Ti tò ón?*). Essa pergunta equivale, para Heidegger, à procura de uma quiddidade, a uma tentativa de determinar o que, a seu ver, é indeterminado, o ser. Com a pergunta “Que é isto - o ente?”, inaugurada por Sócrates, o ser do ente passa a consistir em sua entidade. Para Heidegger, o perguntar pela quiddidade é essencialmente metafísica e traz consigo a sanha de determinar o que, no real, persiste apesar de toda multiplicidade e indeterminação do ser. Com esse questionamento, opera-se o esquecimento do ser, de sua condição de mistério e de velamento. Indicaremos o quanto o filósofo nos aponta para a necessidade de uma escuta da *léthe*, posto que o ser, em sua verdade, é um retirar-se de *léthe* que implica em uma manifestação do que se desvela. A escuta heideggeriana do mistério do ser solicita a dedicação do pensamento a uma volta à origem (*Anfang*), no movimento de recordação (*An-denken*) que considera o jogo de velamento e desvelamento constitutivo da verdade do ser. Nesta comunicação, visamos explanar sobre o esquecimento, a verdade e a rememoração do ser e, ainda, verificar em que medida é possível estabelecer uma correspondência da experiência de grega de *Alétheia* com fotografias dos cacos concernentes aos ataques das esculturas de Aparecida e da artista indígena Tamikuã Txihí. No ano 1978, a escultura em terracota da Imaculada Conceição, encontrada por pescadores no rio Paraíba do Sul e conservada desde 1717, foi roubada e quebrada em mais de 165 pedaços. A imagem passou por restauro e devolvida à Basílica Nacional de Aparecida, que é centro memorial da devoção popular católica. As esculturas de cerâmica intituladas “As guardiãs da memória”, da artista indígena Tamikuã Txihí são exibidas quebradas na exposição Véxoa, na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2020. Tais esculturas sofreram ataques quando expostas anteriormente na cidade de Embu das Artes-SP, território de antigo povoamento indígena. Visto que as obras trazem consigo o caráter de restauração e de memória, buscaremos usar analítico fundamentado na analogia do trabalho arqueológico suscitada pelo filósofo Martin Heidegger e nos perguntar em que medida sua forma de meditação sobre a reconstituição do pensamento pré-socrático, mais especificadamente o de Heráclito, dialoga com as reconstituições mencionadas. Nossa hipótese é que os cacos remanescentes, figuras na analogia do passado, exigem o movimento do a-se-pensar. Em suma, com esta comunicação temos o objetivo de tratar do conceito heideggeriano de *Alétheia*, à luz de relação entre esquecimento e memória. A aproximação feita com o conceito de memória, parte do pensamento tardio de Heidegger, inscrito na compreensão do que seja um pensar que rememora ou *An-denken*. Consideraremos, neste lastro de investigação, a luta contra o esquecimento de representantes de populações vulneráveis no Brasil, com o recorte do registro fotográfico das obras após os atentados sofridos. Esta apresentação divulga resultados parciais do projeto de pesquisa “O pensamento rememorante (*An-denken*) e a pergunta heideggeriana pela origem da filosofia” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**PALAVRAS-CHAVE:** Esquecimento. Memória. *Alétheia*. Ser. Heidegger.

## Referências

KAMPPFF, Vânia Lúcia. Heidegger e o outro pensar: uma breve leitura de Que chamamos pensar?. **Analógos**, v. 1, p. 76-85, 2017.

HEIDEGGER, Martin. Alétheia. In: **Pré-socráticos**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

\_\_\_\_\_. **Heráclito**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche II**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. O que é isto - a filosofia? In: HEIDEGGER, Martin. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973a.

\_\_\_\_\_. **Parmênides**. Tradução Sérgio Mário Wrublewski. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ser e verdade**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2021.

SILVA, Wellington Cristiano da; CHANG, Luiz Harding. Aparecida: da imagem à mensagem. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 32, n. 2, p. 219-237, maio 2017.

PINACOTECA. Vexoa: nós sabemos. **Museu de São Paulo de Arte Contemporânea**: São Paulo, 2020. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/programacao/vexoa-nos-sabemos>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ZANON, Sibélia. **Mostra na Pinacoteca usa a arte para denunciar crimes contra indígenas**. UOL, São Paulo, 5 nov. 2020. Notícias da Floresta. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noticias-da-floresta/2020/11/05/mostra-na-pinacoteca-usa-a-arte-para-denunciar-crimes-contra-indigenas.htm>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ZARADER, Marlène. **Heidegger e as palavras da origem**. Lisboa: Piaget, 1990.

\*\*\*\*\*

---

## A NOÇÃO DE DISCURSO NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

**Leonardo Bricio Araujo Aragon**  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
leonardobricioaraujo@gmail.com

**Elton Moreira Quadros**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)



Com esta comunicação temos o objetivo de apresentar a noção de discurso em Paul Ricoeur, tematizando o seu papel dentro da hermenêutica do autor. Esta é uma pesquisa teórica desenvolvida a partir do método hermenêutico-fenomenológico próprio do filósofo francês. Como referencial teórico utilizamos principalmente os livros *Interpretação e Ideologias* (1990) e *Teoria da Interpretação* (1987) do referido autor, com o auxílio de comentadores da sua obra.

Ricoeur desenvolve sua noção de discurso em um contexto mais amplo em que discute sobre a aparente antinomia entre duas atitudes hermenêuticas; a pertença e o distanciamento. Na tentativa de superar essa antinomia, ele sugere que a noção de texto pode fornecer um paradigma privilegiado para a filosofia e as ciências humanas, haja vista a função hermenêutica de distanciamento que ela pode oferecer. Neste trabalho não nos aprofundamos nesse distanciamento constitutivo do texto (escrito), mas buscamos apontar como já há um distanciamento próprio, anterior ao texto, nos discursos orais pelos quais ocorre a efetivação da linguagem, sendo esse a condição de possibilidade de todos os traços da textualidade que o autor irá elaborar em seguida na sua obra *Interpretação e Ideologias*.

Para Ricoeur, esse distanciamento se dá pois os discursos se constituem em uma dialética entre evento e significação. Essa dialética, por sua vez, é uma consequência da passagem de uma linguística da língua, que tem como unidade fundamental o "signo", para uma linguística do discurso, cujo fundamento é a "frase". Tomando a linguística de Ferdinand Saussure como um exemplo de linguística de língua, esse linguista propõe uma distinção entre *langue* (língua) e *parole* (fala). Enquanto a mensagem expressa na fala se desdobra em uma sequência de frases no tempo (diacronia), o código da língua subsiste como um conjunto de signos que coexistem ao mesmo tempo (sincronia).

Essa questão da temporalidade será importante, pois é sobre ela que Ricoeur irá se contrapor, explicitando o primeiro sentido de discurso como evento: o discurso acontece, isto é, possui o caráter temporal de um acontecimento real, no presente, que o diferencia da estrutura virtual e sincrônica da língua. O segundo sentido de evento se deve à constatação de que o discurso realizado sempre possui um sujeito que o enuncia e outro que recebe tal discurso, ao passo que a língua é impessoal, ou seja, não possui um sujeito. Em um terceiro sentido, o discurso diz efetivamente algo sobre um mundo externo à língua. Enquanto os signos se referem uns aos outros dentro da estrutura da língua, as frases dos discursos fazem referência a um mundo concreto exterior a essa estrutura.

Se por um lado o discurso acontece como evento, por outro, esse acontecimento se dá em um presente efêmero que logo cessa e se torna passado. O acontecimento torna-se acontecido. Embora o evento seja fugaz, a sua significação permanece, e será ela que buscamos interpretar, a partir de Ricoeur, em um discurso. Podemos dizer que o discurso enunciado possui uma significação objetiva, relativa ao conteúdo das proposições enunciadas, e uma significação subjetiva, relativa à autorreferência do sujeito no discurso, o ato de discurso que realiza e, especialmente, a intenção significativa do sujeito ao discursar.

Para além de uma linguística do discurso, Ricoeur, em sua hermenêutica, se vale também de uma teoria dos atos discursivos (*speech-acts*) elaborada inicialmente por John Langshaw Austin. A partir dela, o ato de discurso pode ser compreendido em três níveis: enquanto ato locucionário, ato

ilocucionário e ato perlocucionário. Respectivamente, de maneira sucinta, aquilo que é dito, o que é feito ao dizer e os efeitos produzidos por aquilo que é dito.

A partir desses e outros desenvolvimentos, a noção de discurso será basilar para todos os desdobramentos da hermenêutica ricoeuriana, visto que o distanciamento entre o dizer e o dito, entre o evento e a significação do discurso, é o primeiro de uma série de outros distanciamentos. A partir disso, a interpretação se ocupará dos distanciamentos produtivos, superando a alienação da distância por meio da reapropriação dos mundos abertos pelos textos longínquos no espaço ou no tempo, bem como os discursos que tomam forma a partir deles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interpretação. Texto. Evento. Significação. Distanciamento

## **Referências**

GRODIN, Jean. **Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 2015.

RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenêutica II. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Escritos e conferências 2**: hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e ideologias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990

\_\_\_\_\_. **Teoria da interpretação**: O discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1987.

SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\*\*\*\*\*

---

## **RECONHECIMENTO E DIREITOS HUMANOS EM PAUL RICOEUR**

**Lucas Soares da Silva**  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
lucassoaresdasilva93@gmail.com

**Elton Moreira Quadros**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
elton.quadros@uesb.edu.br

Os estudos do filósofo francês Paul Ricoeur possibilitam uma reflexão sobre os direitos humanos que não se exaure no plano jurídico, pois, em sua filosofia, a questão do sujeito de direitos também é posta como uma reflexão sobre ética e reconhecimento. Com esse trabalho buscamos compreender melhor a noção ricoeuriana de reconhecimento no campo dos direitos humanos. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para um olhar sobre os direitos humanos que não limite a questão à validade da norma jurídica, mas se mostre inteiramente preocupado com a efetividade desses direitos. Trata-se de uma pesquisa inicial, de caráter teórico e que toma como

base o método fenomenológico hermenêutico do próprio Ricoeur. Utilizaremos como obras de referência os livros *Percurso do reconhecimento* (2006), *O Justo I* (2008) e *O si-mesmo como outro* (2014) que são do autor em questão, além de trabalhos de comentadores da sua obra.

Ricoeur compreende que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, antes de ser uma declaração de direitos, é a atestação de uma condição fundamental. A dignidade e a condição de sujeito de direito é algo que deriva da própria condição humana, sendo necessário apenas ter nascido humano para ser sujeito de direitos. No entanto, essa atestação não basta para que os direitos humanos sejam uma obrigação para todos.

Na discussão proposta por Ricoeur, o reconhecimento dos direitos humanos exige uma postura de contestação de uma realidade histórica e reclama o envolvimento do conjunto da comunidade humana para que seja possível dizer os direitos humanos como uma obrigação para todos. Em outras palavras, seria necessário passar da atestação ao reconhecimento.

Essa passagem da atestação ao reconhecimento propriamente dito é uma espécie de tarefa. A justificativa do autor é que a fraternidade não é um fato biológico, mas cultural. Essa constatação é feita a partir da constatação de que a morte (e dizemos que também outros males) pode resultar da ação humana. É a possibilidade de haver violações que nos convoca a assumir o compromisso do reconhecimento. Não é à toa que Ricoeur afirma que a Declaração Universal dos Direitos Humanos apela à nossa capacidade de indignação.

Ser a indignação contra violações aos direitos humanos um requisito nesse “percurso do reconhecimento” dos direitos humanos nos possibilita considerar também a questão da justiça. É que o justo se conhece a partir das experiências de injustiça que nós mesmos sofremos ou de que os outros são as vítimas, como afirma Ricoeur. Assim, o reconhecimento na filosofia ricoeuriana poderia ser pensado sob a ótica de uma busca por uma vida em conjunto onde a justiça é um horizonte desejado.

As características apresentadas têm traços da perspectiva ética de Ricoeur. Para o filósofo francês, ética é uma “vida boa com e para outrem em instituições justas”. Compreende-se, portanto, que, na ética ricoeuriana, uma vida realizada não dispensa a questão da alteridade marcada pela expressão “com e para outrem”. É no momento em que se analisa o encadeamento do outro na ideia de vida boa que surge o reconhecimento do outro como sujeito igualmente capaz. É talvez na análise do sujeito capaz que reside o cerne da nossa discussão sobre o reconhecimento.

Em razão disso, propomos que o modo como Ricoeur compreende o reconhecimento no plano jurídico reclama um compromisso de natureza ética na medida em que requer que reconheçamos o outro como igualmente possuidor de dignidade e direitos apenas por também ser pessoa humana. É nesse sentido que consideramos possível dizer que a obra ricoeuriana nos permite uma compreensão dos direitos humanos na qual o aspecto da validade da norma não esgota a reflexão desses direitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Reconhecimento. Dignidade. Alteridade.

## Referências

BENTES, Hilda; SALLES, Sergio. Paul Ricoeur e o humanismo jurídico moderno: O reconhecimento do sujeito de direito. *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies* vol. 2, no. 2 (2011): p. 106–117. Disponível em: <https://ricoeur.pitt.edu/ojs/index.php/ricoeur/article/view/115>. Acesso: 08 nov. 2021.

DRAWIN, Carlos Roberto. A Problemática Filosófica do Reconhecimento no Pensamento de Paul Ricoeur. *Síntese*, v. 43, n. 137, p. 443-473, set./dez., 2016

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>. Acesso em: 15 set. 2021.

RICOEUR, Paul. **O Justo I: a justiça como regra moral e como instituição**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. Paul Ricoeur: A declaração universal dos direitos humanos – um novo sopro. **Synesis**, v. 5, n. 2, p. 211-213, 2013. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/433>. Acesso em: 15 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

SALLES, Sérgio. A dignidade do sujeito de direitos humanos. **Conhecimento & Diversidade**, vol. 6, n. 11 (2014): p. 112-122. Disponível em: [https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento\\_diversidade/article/view/1630](https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/1630). Acesso: 08 nov. 2021.

\*\*\*\*\*

---

## COMUNIDADE E NILISMO: POR UMA IMPOLÍTICA DA IMPROPRIEDADE E DESPOSSESSÃO EM ROBERTO ESPOSITO

**Marcelo Henrique de Souza Carvalho**  
Universidade Federal do Maranhão  
[souza.marcelo@discecente.ufma.br](mailto:souza.marcelo@discecente.ufma.br)

A proposta do presente trabalho é compreender como, no interior do pensamento do filósofo italiano Roberto Esposito, o niilismo é interpretado como uma categoria intrinsecamente constitutiva do modo de ser da comunidade, isto é, condição pela qual a própria comunidade se realiza ontologicamente, expressando, assim, o seu caráter inessencial, fraturado e vazio. A partir disso, busca-se ressaltar o projeto crítico do pensador de romper e deformar a estrutura metafísica subjacente às categorias utilizadas pela filosofia, herdadas principalmente pelo vocabulário moderno, para pensar a questão política, a fim de abrir novos horizontes hermenêuticos para refletir e diagnosticar adequadamente nosso presente, de modo a propor uma outra política, ou melhor, uma impolítica. Para a realização desse objetivo, pretende-se apresentar como Esposito entende comunidade vinculada ao termo *communitas* que, por sua vez, deriva da expressão latina *munus*. Essa expressão denota “obrigação”, “dom”, “ofício”, ou seja, o que constitui o cerne da *communitas* é o dever de doação mútua entre aqueles que a compõem, de modo que é esse débito, essa condição de estar em falta, em dívida com alguém que define o ser-em-comum da comunidade – que enfatiza, portanto, não a posse, mas o doar. Desse modo, o cerne da *communitas*, segundo Esposito, é um vazio, uma impropriedade. Não é, portanto, uma essência ou uma substância, mas é, precisamente, um nada que torna possível a constituição do espaço comunitário. Nesse sentido, a *communitas* não

se institui por uma propriedade, um “próprio”, mas pela despossessão. É o circuito de expropriação a dimensão central da comunidade, que se define por essa ausência que coloca seus membros em condição de abertura, entrega e exposição a um “fora” situando-os num “entre”, em relação a um “com”, de modo a desestruturar qualquer pretensão de identidade individual solipsista ou fixa. É o nada o conteúdo da comunidade, não sendo, portanto, uma coisa, uma substância fechada e idêntica a si mesma; pelo contrário, é essa falta o que subtrai da *communitas* a possibilidade de ser inteiramente realizável e abarcável. Ela é sempre atravessada por uma fratura, um excedente que desestabiliza permanentemente suas disposições, tornando-a inexaurível e aberta a novas formas possíveis de ser. Esse nada que constitui a comunidade a torna diferente do ente, encerrada e completa, tornando o seu ser-comum uma implicação recíproca pela falta, irreduzível a qualquer identidade. À vista disso, é possível compreender a importância do sentido do niilismo, pois ele remete justamente à essa falta nunca preenchida, essa perda nunca restituída inteiramente que funda o próprio ser da comunidade. Suprimir esse vazio, portanto, a própria dimensão niilista da *communitas*, com artifícios como propriedades ou identidade produz efeitos nocivos ao caráter aberto da comunidade. Nesse sentido, Esposito se esforça em romper com os conceitos centrais da filosofia política moderna que, estruturados pelo paradigma da imunização - que torna a política na modernidade predominantemente biopolítica - negam ou tentam preencher o nada constitutivo da comunidade. Sendo assim, o filósofo, a partir do niilismo intrínseco à *communitas*, tenta repensar o comum em outros termos, abandonando um léxico pautado por categorias portadoras de um “em si” absoluto, “identificáveis consigo mesmos”, que inviabilizam o contágio com a alteridade, implicando políticas catastróficas de morte como aquelas instituídas pelo nazifascismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Communitas*. *Immunitas*. Nihilismo. Roberto Esposito

## Referências

ESPOSITO, Roberto. **Termos da política**. Comunidade, imunidade, biopolítica. Trad. Ângelo Couto Machado Fonseca. Curitiba: UFPR, 2017.

\_\_\_\_\_. **Bíos**: biopolítica e filosofia. Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2010.

MIRANDA, Luis Uribe. Propedêutica do conceito de democracia. **Transformação**, vol. 44, Edição 3, p215-244, jul-set., 2021.

NALLI, Marcos. *Communitas/Immunitas*: a releitura de Roberto Esposito da biopolítica, **Aurora**, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 79-105, jul./dez. 2013.

\*\*\*\*\*

---

## A IMPORTÂNCIA DA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA DENTRO DAS ACADEMIAS

Mônica de Jesus Silva

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
mjsilva.flis@uesc.br

**Juliana de Orione Arraes Fagundes**  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
julianadeorione@hotmail.com

No meio acadêmico, o cânone epistêmico se limita muitas vezes a uma única forma convencional de conhecimento, a qual subjuga e exclui outras formas de conhecimentos. Sendo assim é preciso que haja uma crítica dessa hierarquização do saber, pois a epistemologia tradicional está historicamente ligada ao eurocentrismo e androcentrismo. Este trabalho de iniciação científica financiado pela FAPESB tem como objetivo apresentar a epistemologia feminista negra por meio de um questionamento ao pensamento epistemológico tradicional. A epistemologia feminista negra aqui apresentada está ligada aos fundamentos apresentados pela intelectual socióloga Patricia Hill Collins para estabelecer uma validação deste conhecimento a partir de bases tradicionalmente ignoradas pela academia, como as vivências e as trocas de experiências entre as mulheres. Nesse sentido, o pensamento das mulheres negras frequentemente encontra seu espaço fora das academias, nas obras de arte, por exemplo, pois não coaduna com as características excludentes das produções academicamente validadas. Para análise e construção da pesquisa desenvolvida, foram feitos fichamentos analíticos da conceitualização do tema, através de obras: da socióloga Patricia Hill Collins e da filósofa Ângela Davis, bem como alguns artigos de outros autores, buscando prioritariamente examinar trabalhos de intelectuais negras que são invisibilizadas no meio acadêmico, mais especificamente na área de filosofia, ressaltando essas intelectuais e refletindo sobre suas contribuições teóricas. Essas duas intelectuais foram escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa por serem mulheres negras que fazem esse aporte referencial sobre o contexto desenvolvido e a questão orientadora da pesquisa. Em suas obras é perceptível um estudo robusto acerca da construção da mulher negra, unindo relatos históricos, políticos e filosóficos, que abordam, tanto a questão de raça, gênero e classe, quanto a relação sororidade entre as mulheres, na luta pela liberdade da mulher negra e na construção de conhecimentos relevantes. Visto que esta pesquisa se estende num campo teórico, ela tem como objeto a reflexão de como área epistêmica deve estar aberta as pluralidades, pois as fundamentações epistemológicas do pensamento científico acadêmico foram historicamente construídas a partir de uma cultura de dominação eurocêntrica e androcêntrica, não abrindo espaço para outros conhecimentos e pontos de vista. A epistemologia feminista negra com sua ação afirmativa possibilita reflexão de como ações coletivas e individuais podem se constituir enquanto ferramentas na construção de outros conhecimentos que muitas vezes seriam subjugados, mas que podem, a partir dessa ação, passar a ser reconhecidos academicamente. Isso é uma contribuição importante, na medida em que a própria academia, ao incorporar outras formas de conhecimento, abre-se para construir bases epistemológicas inclusivas e ampliadas. A epistemologia feminista negra é um assunto de suma importância a ser debatido e desenvolvido dentro das academias, pois os pensamentos de mulheres negras são frequentemente rejeitados ou recontados do ponto de vista de quem detém o poder, a base epistêmica dominante. Isso limita as possibilidades epistemológicas dentro do ambiente acadêmico, que se torna fechado sobre seus próprios preconceitos historicamente construídos. Portanto a epistemologia feminista negra representa uma ruptura na epistemologia tradicional, não atribuindo verdades, mas mostrando diferentes perspectivas de conhecimentos, bem como abrindo espaços para que intelectuais negras restabeleçam seu poder epistêmico na condição de credibilidade também dentro das academias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia Feminista. Conhecimento. Filosofia.

**REFERÊNCIAS:**

ANDERSON, E.; ZALTA, E. **Feminist Epistemology and Philosophy of Science**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Summer, 2020, Edition. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/feminism-epistemology/> Acesso em 10 de jan. 2020.

COLLINS, P. **Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. Second Edition, 2000. Disponível em: ISBN 0-203-90005-7 ISBN e- book principal. Acesso em 15 de fev 2020.

COLLINS, P. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo/SP: Editora Boitempo, 2019.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo/SP: Editora Boitempo, 2016.

KETZER, P. **Como Pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações**. Fortaleza/CE: Editora Argumentos, 2017.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo/SP: Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2019.

\*\*\*\*\*

---

## **POR UMA GENEALOGIA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS: A AGONÍSTICA DAS RELAÇÕES DE PODER**

**Monique J. B. Santos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
mjbezerra@uneb.br

**Tamara de Almeida e Silva**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
tasilva@uneb.br

**Eliane Maria de Souza Nogueira**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
enogueira@uneb.br

As Ações Afirmativas e as desigualdades sociais que as erigiram foram tomadas como objeto de estudo no Brasil antes mesmo de sua efetivação no território nacional enquanto políticas públicas. Nesta pesquisa, no entanto, o interesse nas Ações Afirmativas é despidido de sua função imediata e dos problemas de efetividade/eficácia daí decorrentes para destacar a sua genealogia (FOUCAULT, 2008), ou seja, a desinstitucionalização e desfuncionalização das relações de poder que as fundamentariam antes de serem tomadas como direito.

A problematização em torno da possibilidade de se pensar o lugar onde as práticas de cooperação entre os humanos encontrassem algo completamente distinto das relações de poder que conhecemos a um primeiro olhar reflete o objetivo de levantar como necessidade de pesquisa uma

genealogia para as Ações Afirmativas e justifica-se, a partir do olhar transdisciplinar possibilitado pela Ecologia Humana, pela prerrogativa de se pensar a produção de subjetividade do humano e a agonística nas relações de poder que a atravessam.

Os resultados preliminares desta pesquisa ampliaram o olhar sob a perspectiva genealógica tomada por Foucault (2021), ao incorporar, para além da história das relações de poder que fundamentariam a moral “por trás” das ações afirmativas, aquilo que é da ordem do imponderável histórico, ou seja, a cinzenta dimensão dos sentimentos, do amor, da consciência e dos instintos, onde estes desempenham um papel completamente distinto do contingente histórico, e onde são, para além disso, “o ponto de sua lacuna” (FOUCAULT, 2021, p. 55).

A partir de uma abordagem psicanalítica, em Freud (2020), o sentimento de culpa que, desde o mito da horda primitiva, fundamenta a ideia de dívida e estabelecimento de restrições diante dos crimes que a humanidade cometeu contra si própria, aparece como parte do eterno conflito entre Eros e Tanatos. Esse conflito, ainda segundo Freud (2020, p. 126), “é atizado tão logo a tarefa de viver em comunidade é imposta aos homens”. Darwin (2019, p. 114), por outra via, a partir de uma ideia de associação entre evolução biológica e cultural da espécie humana, aponta que as formas institucionalizadas de solidariedade teriam também uma relação causal com o que seria da ordem dos instintos sociais.

As perturbações de vida comunitária, ou seja, o mal-estar da civilização, para Freud é, no entanto, pulsional, fruto da batalha entre estes dois “poderes celestiais” (2020, p. 147) que são Eros e a pulsão de morte. Posto desta forma, enquanto poderes, a partir da perspectiva psicanalítica freudiana, conclui-se que, ainda que possam ser desfuncionalizadas as relações de poder frente a vida comunitária, estas aparentemente não podem ser reduzidas a coisa outra do poder, mas podem, contudo, encontrar o seu lugar genealógico ao adentrar num ponto onde não são mais contingente histórico, mas batalha inconsciente.

Ainda na corrente psicanalítica, Jung (2014, p. 15) postula que “nosso inconsciente é um sujeito atuante e padecente” e esse drama já era encontrado pelo homem primitivo na experimentação dos fenômenos da natureza, sejam de grandes ou pequenas proporções. O modo como experimentamos o mundo, em Jung (2020, p. 21) ganha novas camadas de complexificação, ao se assumir como prerrogativa a ideia de que “toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos”, sendo este desconhecimento fruto das limitações dos nossos sentidos, dos aspectos inconscientes que compõem a nossa percepção da realidade e da impossibilidade de desvelamento da psique, no sentido de que não se pode conhecer sua substância.

Por uma via oposta, assumindo o normal e o patológico como contingentes históricos, Foucault (2019), em entrevista, expõe as razões pelas quais vai considerar Lacan como sendo o único “libertador” da psicanálise. Apesar de ponderar que o próprio Lacan rejeitaria esse termo, aponta que, o deslocamento que sua perspectiva fez da psicanálise para uma teoria do sujeito, lhe parecia muito mais inteligível do que uma aproximação com a clínica psiquiátrica, a medicina ou um capítulo “sofisticado” da psicologia.

A genealogia das relações de poder que a psicanálise deslocaria para o inconsciente, do mesmo modo, em Nietzsche (2020, p. 51-52), vai aparecer como uma certa tendência ao esquecimento, único lugar possível de experimentação da alegria de espírito, do orgulho e da esperança sob a proteção do “porteiro vigilante” que fecha, ainda que momentaneamente, as portas e janelas desta outra dimensão que também seria da consciência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecologia Humana. Evolução Cultural. Psicanálise.

## **Referências**

DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. Trad. Eugênio Amado. 2 ed. Belo Horizonte: Garnier, 2019.



FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise. In: **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. Inês A. Lohbauer. São Paulo: Martin Claret, 2020.

JUNG, Carl Gustav (Org.). **O homem e seus símbolos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Harper Collings Brasil, 2020.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

NIETZSCHE, F. W. **A genealogia da moral**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2020.

\*\*\*\*\*

---

## A VERDADE COMO (DES)VELAMENTO NO PRIMEIRO HEIDEGGER

**Ramon Souza Silva Filho**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

ramon.souza1@hotmail.com

O presente trabalho objetiva expor o modo pelo qual Heidegger se opôs às interpretações acerca da verdade na tradição metafísica, tendo alcançando, dessa forma, um âmbito mais originário do problema. Em meios aos diversos problemas da tradição filosófica ocidental, a questão da verdade foi um dos que se fizeram recorrentes. Embora tenham sido realizadas diversas abordagens em torno desse problema, pode-se dizer que a concepção da verdade como pertencente ao juízo, da adequação do intelecto à coisa (*adaequatio intellectus et rei*), foi a que se fez predominante nessa tradição. Dessa forma, dado que é por meio da palavra proferida que se faz a pergunta pela verdade, os gregos, os primeiros a colocarem em pauta essa questão, logo a tomaram como um problema de linguagem, de lógica, inaugurando, assim, um modo de se colocar perante o fenômeno da verdade que se perpetuaria ao longo da história da filosofia. Descontente com essas abordagens, Heidegger considera que a atribuição da verdade ao juízo, ainda que seja uma determinação autêntica, é um tanto precipitada, pois não leva em consideração o todo relacional do qual faz parte, impossibilitando que seja alcançado um âmbito mais originário desse fenômeno. É nesse sentido que o filósofo alemão, em obras como *Ser e tempo* (1927), *Introdução à filosofia* (1928/1929), *Platão: o sofista* (1924/1925) – dentre outras –, propõe uma nova forma de tratar a relação sujeito-objeto, relação essa que ele considera estar na base da concepção de verdade como adequação do intelecto à coisa. Essa nova forma consiste em tomar a relação mencionada a partir do

conceito originário de verdade, e não o inverso. Para tanto, não é possível sustentar o conceito de verdade nos moldes da tradição e apenas inverter os elementos do problema por meio de uma relação causal. De um modo outro, Heidegger considera que, ao emitir um juízo, o sujeito não faz ligações de representações isoladas para que assim possa se relacionar com o ente do qual se fala, mas antes o contrário: é por já ser junto ao ente que é possível fazer um enunciado sobre o mesmo. O *ser junto a...* não é um mero estar aí fático, mas diz respeito a uma relação existencial do *Dasein* para com os entes. Importante para a compreensão dessa relação é a apropriação heideggeriana do conceito de verdade como desvelamento, ἀλήθεια (*alétheia*), para os gregos. Como o α é um α privativo, o conceito de verdade tinha para esse povo um sentido negativo, ou seja, ela é algo que precisa ser conquistado. O *Dasein* é o ser-desvelador, aquele que arranca o ente do seu velamento. Mas esse desvelar só é possível porque o ente já é parcialmente desvelado, e isso se dá por meio da abertura de compreensão que constitui o *Dasein*, na qual é possível a diferença ontológica, ou seja, a diferenciação entre ser e ente. Mesmo que não tenha clareza quanto a isso, a existência toma (desvela) os entes de modo mais imediato no modo-de-ser da utilizabilidade, da manualidade (*Zuhandenheit*). O tomar o ente enquanto um subsistente (*Vorhandenheit*), como um objeto, é uma derivação desse modo-de-ser mais originário. Essa postura vai de encontro com a tradição metafísica que toma a relação de conhecimento entre o *Dasein* e os entes como sendo uma relação primária, e não secundária, o que acarreta numa interpretação formal acerca do fenômeno da verdade. Vê-se, portanto, que a questão da verdade insere-se em um todo conjuntural permeado de relações não esclarecidas pela tradição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verdade. Desvelamento. Filosofia. Heidegger.

## Referências

ALBUQUERQUE, José Fábio da Silva. *A ciência moderna no primeiro Heidegger: a interpretação heideggeriana ao comportamento científico*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

\_\_\_\_\_. *Filosofia – fenomenologia – conhecimento: três ensaios fenomenológicos*. – 1. ed. – Curitiba: CRV, 2019.

HEIDEGGER, Martin. *Principios metafísicos de la lógica*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

\_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia*. – 2ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Platão: o sofista*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

\_\_\_\_\_. *As questões fundamentais da filosofia: (“problemas” seletos da “lógica”)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

KING, Magda. *A Guide to Heidegger’s Being and Time*. Albany: State University of New York, 2001.

ZIMMERMAN, Michael E. *Confronto de Heidegger com a modernidade: tecnologia, política e arte*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

\*\*\*\*\*

---

## A VISÃO CARTESIANA DE CORPO COMO *RES EXTENSA* E A MEDICINA OCIDENTAL

**Regiane Viana dos Santos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/FAPESB)  
201620268@uesb.edu.br

**Caroline Vasconcelos Ribeiro**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Orientadora)  
caroline.ribeiro@uesb.edu.br

O presente trabalho almeja apresentar alguns resultados do projeto de iniciação científica intitulado “A questão do corpo na psicanálise de Winnicott”, cuja bolsa de fomento foi da FAPESB. Como essa pesquisa se situou no campo da interdisciplinaridade entre a área de Filosofia e da Psicanálise, além de termos examinado a maneira como Winnicott pensou o corpo, analisamos se essa discussão winnicottiana sobre o corpo afinava-se com o horizonte da filosofia cartesiana que estabelece a dicotomia corpo-mente. Em função disso, nos ativemos a obras de Descartes e de estudiosos de sua filosofia, com o fito de demarcar a diferença de seu modo de pensar o corpo em relação ao modo winnicottiano. Nesta comunicação almejamos tratar deste aspecto de nossa pesquisa e apresentar os resultados relativos ao exame do modo como Descartes pensa o corpo e, como sua abordagem filosófica influenciou a medicina moderna. Este trabalho se justifica porque pretende tecer um debate filosófico tendo como alvo um tema importante: o corpo. Após chegar à certeza que é uma coisa pensante (*res cogitans*), Descartes estabelece que esta substância de natureza mental é totalmente distinta de seu corpo (*res extensa*). Como coisa extensa, o corpo possui a dimensão de espacialidade, se movimenta, pode ser quantificado em relação ao seu tamanho, e assim dividido em diversas partes. Na quinta parte de seu *Discurso do método*, o filósofo afirma que a ação do corpo humano não deve parecer estranha a quem conhece os diversos autômatos ou máquinas móveis. Entretanto, nos alerta que enquanto a indústria dos homens pode produzir máquinas pouco complexas, empregando nisso pouquíssimas peças, o corpo humano, enquanto uma máquina feita pelas mãos de Deus, é muito mais bem ordenada e complexa com uma grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes. Na obra *O Homem*, Descartes aborda o corpo humano como uma máquina movida por espíritos animais e afirmando que a mente é concebida como uma substância distinta que interagiria com essa máquina. O filósofo francês, trata o corpo como uma coisa extensa (*res extensa*), ou seja, como algo que possui extensão pelo fato de haver características geométricas e cinemáticas. A mente, enquanto uma coisa pensante (*res cogitans*), é vista como algo que tem um fim em si mesmo e que não precisa de um corpo físico para estarmos seguros de seu existir. Ao tornar o corpo humano como alvo de uma inspeção não especulativa, Descartes inaugurou uma era de tratamento objetivo deste,

limitando o campo de análise à sua extensão e seus aspectos anatomofisiológicos. De acordo com Borges e Vicentini, esse modo de pensar o corpo amparou o modelo biomédico em sua forma de diagnosticar e tratar as doenças. Murta e Sanson Jr, destacam que a filosofia de René Descartes, em função de sua radical objetificação do corpo e da ideia de seu funcionamento maquínico, abriu caminhos para a medicina moderna. Posto que as questões relativas à união entre corpo e alma não podem ser apreendidas unicamente pela via mecanicista, podemos dizer, com Donatelli, que o projeto cartesiano de construção de uma medicina como ciência dedutiva *a priori* que se volta para o corpo sob o ponto de vista físico-geométrico foi ultrapassado pela construção da medicina como ciência do composto corpo-alma, a qual recorre à experiência para apoiar a construção de seu saber. Para o escopo desta comunicação interessa-nos destacar as mudanças relacionadas ao modelo de medicina em Descartes, bem como o seu ponto de partida, qual seja, a natureza humana é composta por duas substâncias distintas, com modos de funcionamento distintos e que são ligadas pela glândula pineal. Além destes elementos relativos ao ponto de partida cartesiano, cumpre realçar a sua pretensão de destinar um tratamento objetivo ao corpo e às sensações, aos movimentos voluntários e aos sentimentos que são produtos do composto corpo-mente. Em tempo, pretendemos, ainda, apontar que a perspectiva de compreensão do corpo como um corpo-máquina, que se faz presente no atual modelo biomédico que subjaz à medicina ocidental contemporânea, paga tributo à filosofia cartesiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Descartes. Medicina.

### **Referências**

BORGES, G.F; VICENTINI, M. R. Descartes e a Psicossomática: A relação mente e corpo no modelo biomédico. **Contemplação**, Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da faculdade João Paulo II, ano 2013, p. 1-18, 8 set. 2013.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCARTES, R. **O mundo ou tratado da luz/ O homem** Trad. César Augusto Battisti; Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli. Campinas: Unicamp, 2009.

DONATELLI, M.F. A necessidade da certeza na explicação científica cartesiana e o recurso à experiência, **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, Série 3, v. 12, n. 1-2, p. 257-268, jan.-dez. 2002.

MURTA, Cláudia; SANSON Jr., Jacir Silvio. O corpo-máquina de Descartes em técnicas médico-terapêuticas, **Pensando – Revista de filosofia**, v. 8, p.45-70, 2017.

\*\*\*\*\*

---

## **NOTAS DO SUBSOLO À LUZ DA FILOSOFIA DE FARIAS BRITO**

**Thalles Campos Almeida**  
Centro Universitário Internacional (UNINTER)

A análise do discurso se apresenta como uma ferramenta teórico-metodológica que permite a verificação das ideias que visam provocar determinado efeito subsistentes por trás do sentido imediato do texto, oportunizando uma perspectiva ímpar sobre o objeto estudado. Levando o referido fator em consideração, a pesquisa procura realizar uma análise interpretativa da filosofia contida obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski, utilizando como fundamentação teórica a obra *Notas do subsolo* (2011), com o auxílio da filosofia do brasileiro Raimundo de Farias Brito na trilogia *Ensaio sobre a Filosofia do Espírito*, publicada pela primeira vez entre 1905 e 1914, em especial, nas obras *A verdade como regra das ações* (2005) e *A base física do espírito* (2006). É sabido que a obra literária possui várias nuances, motivo pelo qual o estudo se focou em apurar a percepção acerca do aspecto filosófico da prosa do autor russo, especificamente, do modo como está explicitado no discurso do personagem principal. Pautada na pesquisa bibliográfica como aparato metodológico, o problema da pesquisa consiste em verificar a seguinte questão: em que medida a literatura presente na referida obra de Dostoiévski se relaciona com a filosofia de Farias Brito? Para respondê-la, traça como objetivo desnudar as linhas interpretativas filosóficas que se inter-relacionam na obra de ambos os autores, observando o discurso do personagem-narrador de Dostoiévski à luz da filosofia deste. Trata-se de um processo complexo que emerge no intuito de discutir a possibilidade de intersecções e esclarecimentos mútuos que possibilitem uma identificação mais clara dos propósitos comunicativos e melhor direcionem a leitura do texto. A pesquisa é de importância central, visto que o olhar filosófico é ferramenta bastante útil, uma vez que este, ao incidir sobre a obra, desvela e ilumina zonas que, até então, se encontravam nebulosas. Os resultados preliminares apontam para similitude de uma plêiade de concepções, o que permite vislumbrar o valor da filosofia para a análise do discurso literário e também nos discursos de circulação social. Primeiramente, é possível notar a reivindicação da liberdade do espírito humano sobre quaisquer forças externas. Ademais, ambos os autores opinam pela incapacidade de extinguir os males inerentes à natureza humana. Nesse sentido, nota-se a insurgência contra o positivismo de Augusto Comte e a presença de um certo ceticismo. É possível perceber ainda que suas visões de mundo convergem no aspecto de alertar para as limitações da ciência, da técnica, do progresso e até mesmo da própria razão: “a razão é uma coisa boa, sem dúvida, mas razão é apenas razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem; já a vontade, esta é a manifestação da vida como um todo” (2011, p. 38). No mesmo sentido, Farias Brito (2006) afirma que “a ciência decerto atingiu um alto grau de aperfeiçoamento. Não será possível deixar de admirar o seu poder colossal e incomparável; mas, por mais que tenha progredido, ainda não conseguiu explicar-nos a significação da dor” (p. 83). Assim, a pesquisa conclui que o personagem-narrador serve como porta-voz das críticas filosóficas de Dostoiévski ao racionalismo, ao cientificismo e à mentalidade positivista, podendo ainda inferir a existência de uma afinidade de posições filosóficas entre os dois autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cientificismo. Racionalismo. Positivismo. Dostoiévski. Farias Brito.

## **Referências**

BRITO, Raimundo de Farias. **A base física do espírito**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A verdade como regra das ações**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do Subsolo**. Tradução de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2011.

\*\*\*\*\*

---

## A PRÓTESE DO DUPLO EM HOFFMANN E DOSTOIÉVSKI

**Yago Jones de Carvalho**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

yago.ezt@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise acerca da figura do duplo na literatura de E.T.A Hoffmann e Fiódor Dostoiévski à luz do conceito de prótese de Jacques Derrida. O panorama social, sobretudo alemão, do final do século XVIII e começo do século XIX, foi analisado, inicialmente, a fim de traçar as crises que produziram uma série de rupturas na noção de *eu*, refletidas, dessa forma, no modo como Hoffmann, enquanto um representante do romantismo alemão, ilustra no conto “O homem da areia” em que o duplo aparece de forma sombria como uma imagem de um passado trágico vivenciado pelo protagonista que perturba-o de modo incessante.

No mesmo conto ainda há uma ruptura com as noções de formas de organismo e de corpo no qual me utilizo da leitura Derridiana de prótese que, em oposição a uma noção representacional na qual a prótese é a ocupação integral de uma função do corpo, assinala para uma impossibilidade para um retorno de uma função, ou seja, a prótese expressa uma falta que constitui toda noção objetiva de origem.

Desse modo, a prótese expressa, em Hoffmann, uma ruptura com a possibilidade de uma captação da condição absoluta do *eu*. Por fim essa ruptura caminha até o contexto histórico do começo do século XIX na Rússia onde, a partir de suas leituras dos românticos como Hoffmann, produz em 1846 a novela “O Duplo” em que a partir das desventuras do funcionário público Goliádkin, que é marcado por sua relação ambígua com o pertencimento ao espaço que o cerca, é produzido um texto onde não apenas há uma manifestação física do duplo, mas também há uma bifurcação da própria consciência do personagem, em que é possível verificar a noção de uma impossibilidade de retorno a qualquer condição originária e ontológica do *eu*, marcado pelo aparecimento do duplo no texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hoffmann. Dostoiévski. Duplo. Prótese. Eu.

### Referências

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **O duplo**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

HOFFMANN, E. T. A. **O castelo mal assombrado**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

DERRIDA, Jacques. **Monolinguismo do outro**: ou a prótese de origem. Porto: Campo das Letras, 2001.

\*\*\*\*\*

---

## PROGRAMAÇÃO

### PROGRAMAÇÃO GERAL

**Terça-feira (14/12/2021)** - Conferência de abertura;

**Quarta-feira (15/12/2021)** - Minicurso I, II, III;

**Quinta-feira (16/12/2021)** - Minicurso I, II, III;

**Sexta-feira (17/12/2021)** - Mesa redonda I, II; Conferência de encerramento.

### PROGRAMAÇÃO DETALHADA

#### **Conferência de abertura**

**Data: 14/12/2021**

Título: *Condição humana, vida e política em Hannah Arendt*

Horário: 18h e 30 min.

Local: Canal no YouTube da TV UESB

Palestrante: Prof. Dr. Adriano Correia (UFG)

Coordenador da mesa: Ms. Leonardo Araújo Oliveira (UESB)

Link de acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=vAr0k\\_76YrU](https://www.youtube.com/watch?v=vAr0k_76YrU)

#### **Minicurso I**

**Data: 15 e 16/12/2021**

Título: *“Linguagem e Sagrado” na contemporaneidade: considerações a partir de Heidegger*

Horário: 19:00 às 21:00

Local: Sala virtual do Google Meets

Prof. Dr.: Carlos Roberto Guimarães (UESC)

Link de acesso (permanente): <https://meet.google.com/izd-gkan-iyj>

#### **Minicurso II**

**Data: 15 e 16/12/2021**

Título: *Flexões e reflexões sobre a origem da obra técnica: tecnologias poéticas e a cosmotécnica de Yuk Hui*

Horário: 14:00 às 17:00

Local: Sala virtual do Google Meets

Prof. Dr.: Charliston Pablo do Nascimento (UEFS)

Link de acesso (permanente): <https://meet.google.com/jpf-gija-qwk>

### **Minicurso III**

**Data: 15 e 16/12/2021**

Título: *Presença das Mulheres na Filosofia: Conceitos e Metodologias para o Ensino*

Horário: 10:00 às 12:00

Local: Sala virtual do Google Meets

Prof. Esp.: Anderson Cunha de Araújo (UESB) & Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Miriam Wuensch (UnB)

Link de acesso (permanente): <https://meet.google.com/hcu-eawe-san>

### **Mesa redonda I**

**Data: 17/12/2021**

Título: *Metodologias para o Ensino de Filosofia: problemas e caminhos*

Horário: 14:00 às 16:00

Local: Canal do Youtube da TV UESB.

Palestrante: Prof. Ms. Afonso Henrique Magalhães de Campos (IFBA)

Coordenadora da mesa: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Edna Furukawa Pimentel (UESB)

Link de acesso: <http://www.youtube.com/watch?v=mbE1AvqJRM8>

### **Mesa redonda II**

**Data: 17/12/2021**

Título: *Nascimento como Condição Humana*

Horário: 10:00 às 12:00

Local: Canal do Youtube da TV UESB.

Palestrante: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Miriam Wuensch (UnB)

Coordenador da mesa: Anderson Cunha de Araújo (UESB)

Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=1HIhtfednME>

### **Conferência de encerramento**

**Data: 17/12/2021**

Título: *Considerações sobre o contemporâneo*

Horário: 18:30 às 20:30

Local: Canal no YouTube da TV UESB

Palestrante: Prof. Dr. Oswaldo Giacoia (UNICAMP/PUCPR)

Coordenador da mesa: Prof. Dr. Fábio Albuquerque (UESB)

Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=xmIq953HW50>

### **Comunicações**

**Sala 1 - Filosofia: Estética, Prática e Metafísica (15/12/2021) - 16:30 às 18:30.**

**Moderador:** Professor Luiz Cláudio Gonçalves



**Link da sala:** <https://meet.google.com/aae-wufs-wzp>

**Sala 2** - Filosofia: da Educação; da História; da Linguagem e das Ciências (15/12/2021) - 16:30 às 18:30

**Moderador:** Professor Leonardo Araújo Oliveira

**Link da Sala:** <https://meet.google.com/exs-osws-gnq>

**Sala 3** – Filosofia e Interdisciplinaridades (16/12/2021) - 16:30 às 18:30

**Moderador:** Professor Rogério Soares Mascarenhas

**Link da Sala:** <https://meet.google.com/fxg-tkzf-btr>

**Sala 4** - Filosofia: Ética, Política e Social (16/12/2021) - 19:00 às 21:00

**Moderador:** Professor Elton Moreira Quadros

**Link da Sala:** <https://meet.google.com/cyn-tmtr-szs>

**Sala 5** – Filosofia e Interdisciplinaridades (17/12/2021) - 16:30 às 18:30

**Moderadora:** Professora Brenda Luara dos Santos Souza

**Link da Sala:** <https://meet.google.com/duw-yhwy-oax>

